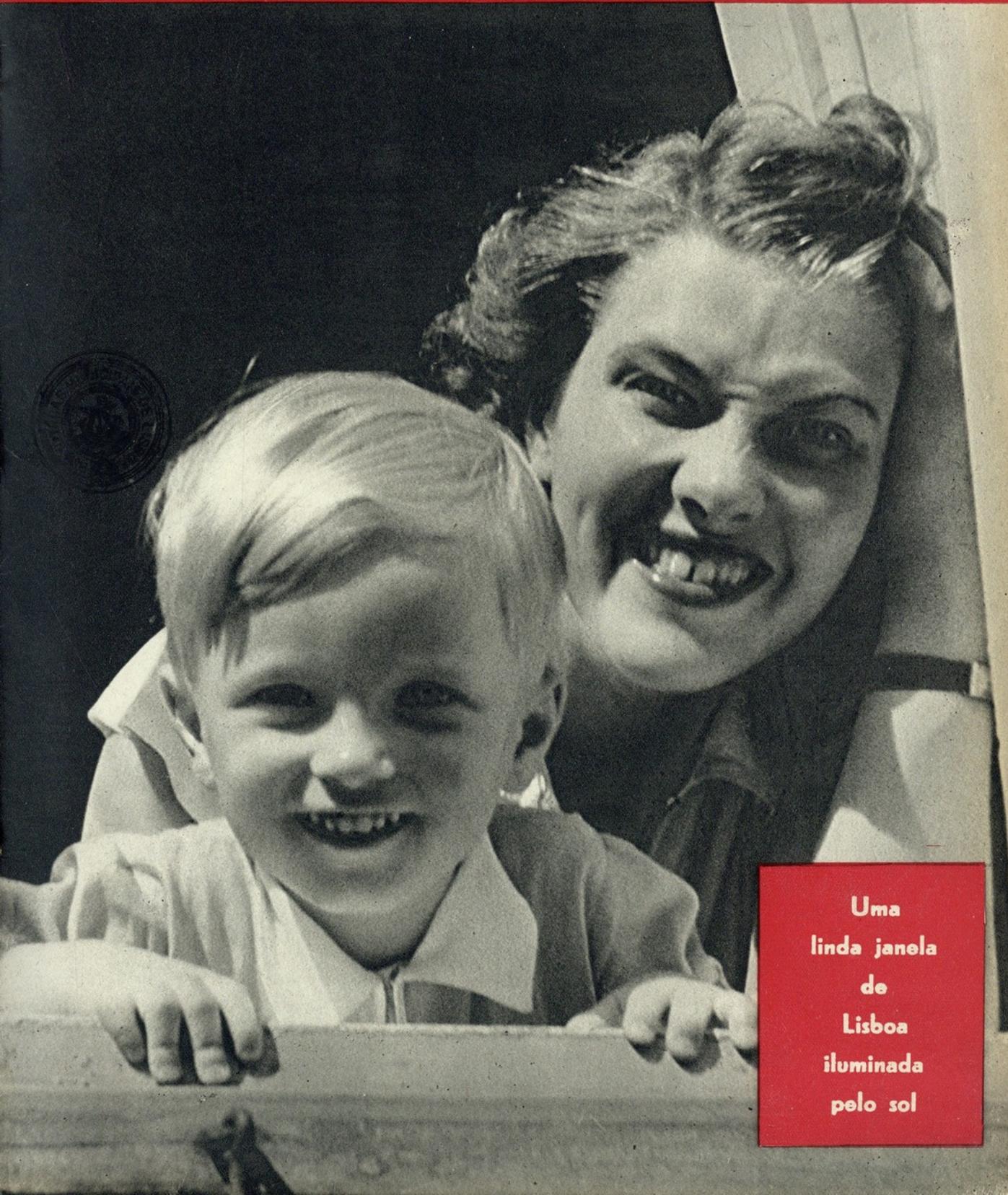


MUNDO GRÁFICO

DEPÓSITO LEGAL

AGO. 1941



Uma
linda janela
de
Lisboa
iluminada
pelo sol

B. B. C.

A VOZ DE LONDRES FALA
E O MUNDO ACREDITA

NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Hora de verão	Ondas médias	Ondas curtas
13,15 Noticiário . .	—	{ 13,86 m. (21,64 mc/s)
		{ 19,76 m. (15,18 mc/s)
13,30 Actualidades	—	{ 24,92 m. (12,04 mc/s)
		{ 24,92 m. (12,04 mc/s)
22,00 Noticiário . .	285,7 (1.050 kc/s)	{ 31,32 m. (9,58 mc/s)
		{ 31,55 m. (9,51 mc/s)
22,15 Actualidades .	285,7 (1.050 kc/s)	{ 31,32 m. (9,58 mc/s)
		{ 31,55 m. (9,51 mc/s)
		{ 41,96 m. (7,15 mc/s)



Sumário

CRÓNICA IETERNACIONAL, por «O Observador»

CHRISTIAN SMUTS, biografia

PRESENÇA DO MAR, pelo Dr. João de Barros

O DITADOR CRISTÃO

OS INGLÊSES NO ORIENTE

COMEÇARAM OS EXAMES, por Antonio de Faria

RETRATISTAS INGLÊSES, por John Steegmann

«O HOMEM DO CRAVO NA BOCA» foto de Horácio Novais

A MAIS COMPLETA ACTUALIDADE GRÁFICA DE GUERRA EM
DUAS PÁGINAS

A SÉ DE LISBOA

A VIDA DE CHURCHILL

BREST SOB O FOGO DA R. A. F., reconstituição a duas páginas

O ATENTADO CONTRA O «GANDA»

O REI HAAKON DA NORUEGA, EM INGLATERRA

QUAL O SÍTIO MAIS BONITO DE LISBOA? responde o prof. Luis
Varela Aldemira

O FIM DO «BISMARCK»

«O MAR TAMBÉM TEM AMANTES», por César dos Santos

CRIANÇAS INGLESAS

PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

REFLEXOS DO MUNDO

A FINAL DA TAÇA DE INGLATERRA

CINEMA, de António Lourenço



Esta linda rapariga, um dos maiores nomes da aristocracia inglesa, apesar da sua dura tarefa, não perdeu nem a elegância nem o seu fascinante sorriso



Dunhill

*O melhor
cigarro Americano*

Importadores exclusivos

Roque Pinto, L.ª

R. do Amparo, 94-1.º

L i s b o a

Viage em Portugal nos comboios da C.P.



INFORMAÇÕES

em todas as estações

em Lisboa: — no Serviço do Tráfego — Telef. 2 4031

em Pôrto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 272

UM DITADOR CRISTÃO

A OBRA DE SALAZAR

O grande jornal *The Times*, o «leader» da opinião inglesa, publicou com o título *Um Ditador Cristão*, este notável artigo de homenagem ao sr. dr. Oliveira Salazar. Nele, com um conhecimento profundo do espírito português, se exalta a obra de restauração nacional do Chefe do Governo. Ei-lo:

A manifestação nacional a Salazar, quando do seu 52.º aniversário natalício, é um testemunho notável do poder que tem o povo português para apreciar o Governo justo e humano de um regime que nunca fez a corte à popularidade. Os ingleses, admiradores do patriotismo e do espírito público, sentem-se orgulhosos por terem tomado parte nesta manifestação. De facto, só decorreram alguns dias entre esta e a ida da delegação da Universidade de Oxford a Coimbra para conceder o Doutoramento em Direito Civil ao Estadista erudito mais distinto da Europa.

Este austero professor de ciências económicas foi chamado em 1928 a tomar conta das Finanças portuguesas que então se encontravam ameaçadas de cair no chão, depois do longo período que vinha já desde 1854, período em que o orçamento só duas vezes foi equilibrado. Nos treze anos da sua administração, forte de espírito e de pulso, o dr. Salazar não só restaurou o valor da moeda e a solvência da Nação, mas regenerou ainda toda a vida social do Império português sob uma autoridade paternal, harmoniosamente compartilhada entre ele, como Presidente do Conselho, e o General Carmona, como Chefe do Estado. Esta autoridade é que governa o Estado Corporativo. Não há em Portugal qualquer exér-

cito particular ou partido priverligado destinado a dominar os cidadãos.

O próprio dr. Salazar é um ministro com responsabilidades, muito embora não seja responsável perante a Assembleia Nacional ou perante o povo. Se o interrogassem acerca deste assunto, responderia com certeza que se considera responsável perante a lei moral e ligado a qualquer coisa maior do que ele próprio e que é ao mesmo tempo a base da tradição histórica de Portugal. O Dr. Salazar impôs-se deliberadamente a destruir a obra anti-religiosa da revolução de 1910 e restabelecer a política e a sociedade portuguesas em bases cristãs. Salazar é o principal elemento de um grupo de Estadistas católicos que lutaram heróicamente no intervalo das duas guerras para reatar a tradição imemorial da cristandade. A subordinação consciente da política temporal de Salazar aos valores espirituais empresta uma importância adicional à carta pastoral do Cardinal Patriarca de Lisboa, o qual tem todo o direito de falar tanto pelo seu país como pela sua Igreja. O Cardinal pede que os seus fiéis rezem porque a guerra possa levar a uma organização internacional que respeite as leis e Deus, assegure a justiça, mantenha a paz, defenda a vida e a liberdade dos povos e proteja a personalidade humana.

O apoio a todos estes ideais é parte de nossos alvos de guerra e em qualquer organização internacional, em que venhamos a tomar parte, tem de haver lugar para qualquer constituição política como a de Portugal de hoje, constituição que respeitamos por mais diferente que possa ser da nossa a teoria em que se baseia.

PRESENÇA DO MAR

por João de Barros

HÁ dois países na Europa que, para viver, prosperar e progredir, têm de manter-se, como nenhum mais, leais e fiéis à consciência dos seus respectivos destinos atlânticos: — Portugal e a Inglaterra.

Esse mandamento, essa imperativa certeza vem, aliás, de muito longe, vem desde sempre, e criou, entre uma e outra nação, nítidas analogias de pensar, de sentir e de querer, embora por vezes menos acessíveis à observação superficial.

O mar é um grande educador, um grande plasmador de corações e cérebros. Sobretudo quando oferece à expansão e energia dos povos seus ribeirinhos estradas amplamente abertas ao sonho e à acção dos homens. No convívio constante dum mesmo oceano familiar adquirem-se hábitos, feições e tendências, que chegam até a apagar profundas diferenciações étnicas. Creio que será este o caso da Gran-Bretanha e de Portugal. Mas, o que importa não é agora destrinçar tal aspecto do problema. Pretende-se apenas registar o influxo da insistente presença marítima na sensibilidade criadora de ingleses e portugueses.

Quem diz sensibilidade criadora diz, em suma, lirismo, poesia, arte. Ora a nossa poesia e a poesia inglesa afirmam estranhos e velhos parentescos de emoção. Horizontes químicos, ilhas maravilhosas, vultos de mulheres idealizadas, corpos de aurora e de névoa, mais do céu que da terra, amor que é adoração e culto — ei-los cantados e celebrados por Camões e Shakespeare, por João de Deus e Shelley, por Keats e Augusto Gil. Idêntica e inefável ternura, idêntica e inefável aspiração de Beleza, expressa em ritmos e em imagens de púdicco fervor. O génio de

Arile a todos esses portos empresta o seu vôo ardente, e a todos chama para jornadas de aliciente, cândida e embaladora doçura. Dir-se-ia que «o misterioso trabalho do mar e do vento» modelou o espiritual e sôfrego anseio daqueles poetas, trazendo-lhes a sua inquietação juvenil, o seu apelo de mundos nunca vistos, a sua veemência de construtor de páramos irreais nos efémeros, mas eternamente renascidos alicerces da altura...

Pouco se adivinha e ausculta na poesia inglesa e na poesia portuguesa, o íntimo pulsar da terra-mater, o murmúrio das frondes, o frémito das seivas e das searas e dos vergeis. Vicejam e medram num ambiente fluído, num solo embebido do líquido e moventia cántico das ondas. E mesmo ao evocar as rugosas realidades da paixão carnal e cruel, mergulham em não sei que atmosfera de leve e irizada espuma, em que as lágrimas, os gritos, os entusiasmos e as máguas se revestem dos mais carinhosos prestígios da ilusão. Espalham e derramam ambas, puras e discretas.

O balsamo, o aroma,
Que se uma forma toma
E' de impalpável flor.

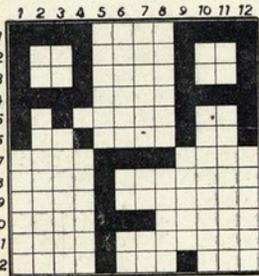
Certo, nem sempre se verifica essa analogia, essa íntima semelhança. Mas nos portos em que de facto cristalizou a essência ingênita da maneira de ser colectiva, as afinidades são patentes. O mar, a influência do mar as explicam e justificam melhor que mais complicadas e eruditas razões. O Atlântico, trilho comum de esforços e de glórias, fica sendo assim também a causa primordial duma fraternidade de almas, que transcende motivos políticos e recíprocas vantagens práticas.

VERTICAIS

- 1 — Condimentar.
- 2 — Indivíduo notável pelas suas proezas; nome genérico dos aparelhos por meio dos quais se navega no ar.
- 3 — O lado do vento (naut.); arrancaram.
- 4 — Lâmina pequena.
- 5 — Delicado.
- 6 — Envio; a parte mais dura da madeira; artigo (pl.).
- 7 — Esvoaçar; atmosfera; comiseração.
- 8 — Fécula da farinha de arroz; espreita.
- 9 — Norma.
- 10 — Fluido respirável; louvava.
- 11 — Nota musical; rectas que cortam a circunferência em dois pontos.; Círculo que rodeia a Lua.



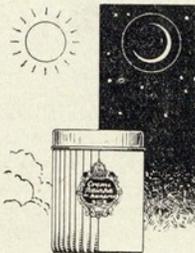
Solução do problema n.º 17



PROBLEMA N.º 18

HORIZONTAIS

- 1 — Sulcas (a terra).
- 2 — O mais; determina a quantidade; campeão.
- 3 — Único; aprovação; alegre-se.
- 4 — Enxergo.
- 5 — Fatídico; pertences.
- 6 — Fazes parte; buraco; interpreta.
- 7 — Terra que era inculca, mas foi arroteada; cana em que se enrola a estriça para se fiar.
- 8 — Estaleiro; percorrer o mar.
- 9 — Juntem; dê causa.
- 10 — Vestígio de exploração de ouro na Zambézia; reconhecido.
- 11 — Garantia de pagamento duma letra; que se pode transferir para outra ocasião.
- 12 — Move uma embarcação; ecoa; apêndice lateral dos aviões.



DIA E NOITE...
Os inegaláveis cremes de beleza

Rainha da Hungria

velarão pela Mocidade da sua pele!

Elogios... para quê?

Basta dizer que são produtos

M. ME CAMPOS



ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
LISBOA — RIO DE JANEIRO

REFLEXOS DO MUNDO

Um pequeno herói

Um escuteiro brincou há dias aos soldadinhos — mas brincou a sério...

John Flinn, de Wortley, ouviu apelos de socorro dentre as ruínas de uma casa bombardeada. O nosso «homem» não tinha capacete de aço. Pegou numa caçola, forrou-a com um pano de limpar o pó para que ela lhe não magoasse a cabeça. Assim armado contra as bombas, lá foi para a barafunda.

Socorreu uma mulher que se esvaía, atingida por enorme pedra. Trouxe-a para fora, meteu-a numa carreta e levou-a ao posto de socorros mais próximo.

Como recompensa, recebeu a medalha de ouro dos Scouts.

A letra W



Neste mundo há quem se entretenha a coleccionar tudo e quem note qualquer semelhança. Até as letras por que os nomes começam e os países que parecem atraí-las.

Notou-se agora que os três mais notáveis americanos que visitaram a Inglaterra, até hoje, foram Welles, Winant e Willkie. E' provavelmente o nome do Primeiro Ministro inglês, Winston, que atrai a Inglaterra todos os americanos cuja primeira letra é W. Isto na presente guerra.

A preferência não vem de hoje, pois Wilson foi o Presidente que trouxe os E. U. para a outra guerra, ao lado dos Aliados. Quem o atraiu?

Um telegrama recente dizia que, num dos países em guerra, «a razão do queijo passava a ser dobrada».

Comentário de um leitor: «Não sabíamos que, em tempo de guerra, a administração podia decretar que queijo e tripas era tudo a mesma coisa».

Queijo a menos

Comentário de um leitor: «Não sabíamos que, em tempo de guerra, a administração podia decretar que queijo e tripas era tudo a mesma coisa».

Comentário de um leitor: «Não sabíamos que, em tempo de guerra, a administração podia decretar que queijo e tripas era tudo a mesma coisa».

Modas de guerra



As modas na Inglaterra estão muito uniformizadas — uniformizadas pela pouca variedade e pela semelhança com os uniformes dos soldados. Além disso, as senhas não deixam a liberdade de gastar à larga nos vestidos.

Compreende-se desta forma o saudosismo com que, há dias, duas senhoras olhavam uma montra em Piccadilly, onde se expunham os mais lindos modelos de vestidos.

«Nos dias que vão correndo — dizia uma delas — olhamos para estas coisas com o ar desprendido de quem os não pode alcançar!»

«Nos dias que vão correndo — dizia uma delas — olhamos para estas coisas com o ar desprendido de quem os não pode alcançar!»

«Nos dias que vão correndo — dizia uma delas — olhamos para estas coisas com o ar desprendido de quem os não pode alcançar!»

«Nos dias que vão correndo — dizia uma delas — olhamos para estas coisas com o ar desprendido de quem os não pode alcançar!»

«Nos dias que vão correndo — dizia uma delas — olhamos para estas coisas com o ar desprendido de quem os não pode alcançar!»

«Nos dias que vão correndo — dizia uma delas — olhamos para estas coisas com o ar desprendido de quem os não pode alcançar!»

«Nos dias que vão correndo — dizia uma delas — olhamos para estas coisas com o ar desprendido de quem os não pode alcançar!»

«Nos dias que vão correndo — dizia uma delas — olhamos para estas coisas com o ar desprendido de quem os não pode alcançar!»

«Nos dias que vão correndo — dizia uma delas — olhamos para estas coisas com o ar desprendido de quem os não pode alcançar!»

«Nos dias que vão correndo — dizia uma delas — olhamos para estas coisas com o ar desprendido de quem os não pode alcançar!»

«Nos dias que vão correndo — dizia uma delas — olhamos para estas coisas com o ar desprendido de quem os não pode alcançar!»

«Nos dias que vão correndo — dizia uma delas — olhamos para estas coisas com o ar desprendido de quem os não pode alcançar!»

«Nos dias que vão correndo — dizia uma delas — olhamos para estas coisas com o ar desprendido de quem os não pode alcançar!»

«Nos dias que vão correndo — dizia uma delas — olhamos para estas coisas com o ar desprendido de quem os não pode alcançar!»

«Nos dias que vão correndo — dizia uma delas — olhamos para estas coisas com o ar desprendido de quem os não pode alcançar!»

«Nos dias que vão correndo — dizia uma delas — olhamos para estas coisas com o ar desprendido de quem os não pode alcançar!»

«Nos dias que vão correndo — dizia uma delas — olhamos para estas coisas com o ar desprendido de quem os não pode alcançar!»

«Nos dias que vão correndo — dizia uma delas — olhamos para estas coisas com o ar desprendido de quem os não pode alcançar!»

«Nos dias que vão correndo — dizia uma delas — olhamos para estas coisas com o ar desprendido de quem os não pode alcançar!»

«Nos dias que vão correndo — dizia uma delas — olhamos para estas coisas com o ar desprendido de quem os não pode alcançar!»

«Nos dias que vão correndo — dizia uma delas — olhamos para estas coisas com o ar desprendido de quem os não pode alcançar!»

de cavalos têm tão grande lugar nos desportos, Jorge VI está à frente dos grandes criadores.

Uma de... Hollywood

Hollywood, a cidade do artifício e da beleza está-se interessando pela guerra como qualquer mortal — como nós que não vivemos no céu estrelado de Los Angeles.

Realizou-se no meado de Junho, no Coliseu Olímpico de Los Angeles, uma festa em que os maiores artistas do cinema desempenharam 25 números diversos. Num dos palcos participaram 60 bandas de música e 200 das mais lindas «girls». Ao todo, tomaram parte no espectáculo 5 mil figuras.

Se a assistência foi proporcional ao número de artistas, o Coliseu merece duplamente o nome de Olímpico, pela sua grandeza e pelas divindades que nele trabalharam.

O palco foi na noite do dia 14 de Junho uma verdadeira Estrada de Santiago cujo brilho ofuscava os olhares deslumbrados dos espectadores.

A receita reverteu integralmente para o auxílio à Grã-Bretanha.

A mala azul

A Princesa Margarida, filha mais nova dos Reis de Inglaterra, assistia, em Windsor a um cortejo. Nele ia incorporada uma pequenita que teria a mesma idade da Princesa (11 anos).

A miúda deixou cair a malinha de mão, e, quando a pôde levantar, os pés da multidão haviam-na deformado completamente. Podia ler-se-lhe na face a pena que lhe ia dentro da alma.

Mabel Knibbs recebia, dias depois, em sua casa, uma nova e linda mala azul e com ela um bilhete dos Reis. Nele se dizia que Suas Magestades lhe faziam o presente depois de terem co-

Mabel Knibbs recebia, dias depois, em sua casa, uma nova e linda mala azul e com ela um bilhete dos Reis. Nele se dizia que Suas Magestades lhe faziam o presente depois de terem co-

Mabel Knibbs recebia, dias depois, em sua casa, uma nova e linda mala azul e com ela um bilhete dos Reis. Nele se dizia que Suas Magestades lhe faziam o presente depois de terem co-

Mabel Knibbs recebia, dias depois, em sua casa, uma nova e linda mala azul e com ela um bilhete dos Reis. Nele se dizia que Suas Magestades lhe faziam o presente depois de terem co-

Mabel Knibbs recebia, dias depois, em sua casa, uma nova e linda mala azul e com ela um bilhete dos Reis. Nele se dizia que Suas Magestades lhe faziam o presente depois de terem co-

Mabel Knibbs recebia, dias depois, em sua casa, uma nova e linda mala azul e com ela um bilhete dos Reis. Nele se dizia que Suas Magestades lhe faziam o presente depois de terem co-

Mabel Knibbs recebia, dias depois, em sua casa, uma nova e linda mala azul e com ela um bilhete dos Reis. Nele se dizia que Suas Magestades lhe faziam o presente depois de terem co-



DUAS DATAS: Em 23 de Agosto de 1939, é assinado, por Staline e Ribbentrop, o pacto Germano-Soviético; na madrugada de 22 de Junho de 1941, as tropas alemãs invadem a Rússia

nhecido, pela Princesa Margarida, quanto lhe custara o ter perdido a outra no cortejo.

Uma anedocta de reis

A morte do Kaiser veio lembrar um episódio do tempo em que os reis ainda se reuniam para célebres aniversários, festas de família, etc. Em Copenhague, af por 1905, celebrava-se uma dessas festas.

As Magestades saíram a passear, preparando em conversas íntimas os mais altos negócios de Estado. Fora da cidade, enganaram-se no caminho e foi o Rei Cristiano IX que se informou junto dum camponês que passava.

«Vocês quem são?» Perguntou-lhes este muito directamente.

«Eu sou o rei Cristiano; aqui está o Príncipe Gustavo da Suécia, o Rei da Grécia, o Príncipe de Gales, o Imperador da Rússia e o Kaiser...»

O camponês olhava o homem que lhe falava, muito admirado e, depois, soltando uma grande risada:

«Pois eu sou Jesus Cristo!» e indicou-lhes o caminho.

Um pastor heroico

Os pastores foram sempre poetas. Habitados a ler no céu e a conversar com os astros, vivem um pouco à parte das lutas da vida e da mesquinhez humana.

Fed Mitchell tem 41 anos e é pastor, desde que se conhece.

Durante um bombardeamento, debaixo de uma chuva de granadas incendiárias, com as sebes a arder e as paredes a esborralharem-se foi salvando, ovelha a ovelha, todo o seu rebanho. Pegava nos cordeirinhos e as mães seguiam-no logo. Repetiu a cena dezenas de vezes, e não se perdeu nenhuma cabeça do rebanho.

Recebeu a medalha do Império para actos de bravura.

Recebeu a medalha do Império para actos de bravura.

Recebeu a medalha do Império para actos de bravura.

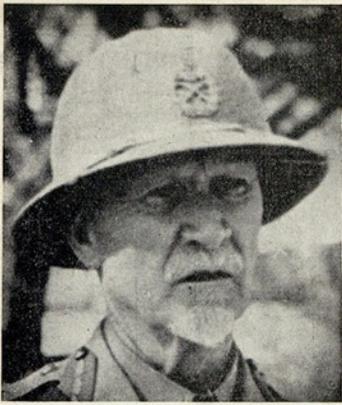
Recebeu a medalha do Império para actos de bravura.

Recebeu a medalha do Império para actos de bravura.

Recebeu a medalha do Império para actos de bravura.

Quere ganhar dinheiro?

Anuncie no MUNDO GRÁFICO



CHRISTIAN SMUTS

NO dia em que completou setenta e um anos de idade, o general Smuts foi elevado à categoria de marechal. É a primeira personalidade que, tendo nascido fora da Inglaterra, alcançou tão honrosa promoção. O chefe da comunidade britânica quis assim premiar os altos serviços prestados, durante mais de trinta anos, à causa imperial por esse obreiro infatigável e arguto.

O general Smuts nasceu em 1870. Aos trinta anos batia-se valorosamente contra os ingleses. Delegado para as negociações de paz que se realizaram em Pretória, viu desde logo que uma reconciliação sincera entre o seu país e a Gran-Bretanha era uma condição indispensável da tranquilidade e do progresso da União Sul Africana. Os resultados desta orientação podem ser agora apreciados a três décadas de distância.

Com o seu camarada e amigo, General Botha, outro herói da luta, iniciou a cooperação com os ingleses e deu-lhe um sentido prático. Em 1910, oito anos depois de terminarem as hostilidades, era ministro das finanças tendo sido assinalada a sua acção. Em 1914, a declaração de guerra da Alemanha colocou em perigo a segurança do Império Britânico. O general Smuts ocupou a primeira linha dos seus defensores. Comandou as forças imperiais que operaram no continente africano. Postu à prova, mais uma vez, as suas qualidades militares, foi escolhido, em 1917, para fazer parte do gabinete de guerra.

Chefe da delegação do seu país à conferência da paz, chefe do partido nacionalista moderado e chefe do governo por mais duma vez durante o período de vinte anos que mediou entre as duas guerras. Em 1939 manifestou, logo que se iniciaram as hostilidades, o propósito firme de se colocar ao lado da Gran-Bretanha. Derrubou o governo presidido pelo general Hertzog numa sessão parlamentar que ficou memorável.

Constituiu um gabinete de união nacional e declarou guerra à Alemanha. Depois disso a sua acção tem-se revestido de inegável importância. Sem a atitude firme do general Smuts, a situação da Gran-Bretanha no continente africano ficaria seriamente ameaçada.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A NOVA FASE DA GUERRA

Na alocução radiodifundida, que proferiu no dia em que as tropas alemãs entraram em território soviético, o Primeiro Ministro da Gran-Bretanha declarou: "Chegámos a uma das fases mais importantes da guerra. A primeira fase terminou, ha um ano, quando a França caiu prostrada sob os golpes alemães. Na segunda, a R. A. F. bateu a aviação alemã e afastou a invasão da nossa ilha. A terceira iniciou-se com a votação da lei de empréstimo e arrendamento com a qual os Estados Unidos dedicaram cerca de dois biliões da sua fortuna para nos auxiliar. Chegámos agora à quarta. Hitler atacou e invadiu a Rússia,,.

Para o Primeiro Ministro britânico, essa operação militar, de transcendente significado e de envergadura excepcional, é o prelúdio de actos políticos de importância decisiva. Na opinião de Churchill, se o Reich vencer e dominar a U. R. S. S. terá à sua disposição os meios materiais indispensáveis para continuar, com êxito, a luta contra as potências anglo-saxónicas, em terra, no mar e no ar.

A evolução das relações entre os dois países que actualmente lutam no leste europeu não permitiam grandes dúvidas sobre o seu desenlace. Os actos de hostilidade recíproca, embora acobertados no formalismo das notas diplomáticas ou das declarações officiosas, vinham-se sucedendo desde o outono do ano passado. A colaboração germano-russa, esboçada para a partilha da Polónia, nunca pôde tornar-se efectiva e sincera.

Quando, derrotada a França, o Reich voltou para a península balcânica o poder da sua máquina militar, a U. R. S. S. começou a encarar, com desconfiança crescente, a penetração alemã em território tradicionalmente considerado como uma zona de influência sua. A adesão da Roménia e da Bulgária ao pacto tripartido acentuou os sentimentos de hostilidade que tinham começado a manifestar-se em Berlim e em Moscovo. Os acontecimentos da Iugoslávia e da Grécia tornaram inevitável a liquidação pela força das divergências verificadas. Os alemães ocupando as ilhas do Egeu completaram o dispositivo cujo alvo evidente era o território russo.

Qualquer que seja a marcha das operações militares, o conflito entre a Alemanha e a U. R. S. S. destina-se a ter repercussões incalculáveis no decurso da guerra e nas consequências que dela hão de resultar. O Estado maior alemão procurará obter, pelos seus métodos habituais, uma decisão rápida e definitiva. Os chefes militares soviéticos, usando uma tactica que é de todos os tempos e de todos os climas vão esforçar-se para retardar a progressão do avanço germânico. Para isso contam com a imensidade do país e com a resistência das populações.

Dum e doutro lado ha que considerar inúmeros factores que poderão influir na luta e na sua decisão. A Gran-Bretanha, pela voz do chefe do seu governo, mostra-se decidida a prestar aos soviets o auxílio que estiver nas suas possibilidades. Em Londres encaram, desde a primeira hora, o envio de técnicos, que não abundam na U. R. S. S. e a colaboração económica possível, dada a existência dumá fronteira comum e a liberdade de comunicação marítimas pelo Indico e pelo Oceano Artico. Com a nova fase da guerra é um novo capítulo de surpresas que vai abrir-se.

○ OBSERVADOR

Um acto de pirataria

O torpedeamento inexplicável do Ganda provocou, no país, uma onda de indignação. É a cólera do justo contra a infâmia anónima, feze, que nem ao menos teve a triste coragem de se patentear para assim se cobrir de irizão e da ignominia. Nenhuma desculpa pode atenuar o acto criminoso, que custou a vida de alguns portugueses e a perda duma unidade importante da nossa marinha mercante. O submarino, que torpedeou e bombardeou o Ganda, fé-lo à luz do dia, sem que o seu «heróico» comandante tivesse, sequer, como lhe ordenava o mais elementar dever de honra, feito qualquer aviso prévio. Como nenhum outro país, Portugal tem sabido cumprir, escrupulosamente, a sua neutralidade.

Quem são os aventureiros que tendo tantos sitios para se baterem, com coragem e audácia, fingem desconhecer a nossa atitude? A sua cobardia não tem nome. Desumanamente, lançam-se sobre um navio indefeso, onde vão mulheres e crianças, que, depois, durante 72 horas andaram perdidas no Atlântico. Comovidamente, inclinamo-nos ante as vítimas desse nefando acto de pirataria. Vítimas inocentes da guerra, friamente, assassina-das, a sua memória não pode, nem deve ser esquecida.

A supremacia dos ares



O poder aéreo da Inglaterra aumenta constantemente. A sua prodigiosa organização industrial, produzindo em ritmo cada vez mais acelerado, permitiu-lhe conquistar uma posição de incontestável domínio no céu da Europa. A Gran-Bretanha tem hoje mais «caças» do que o Reich, fiel ao princípio de que a melhor arma contra o avião é o próprio avião. E o potencial da sua aviação de bombardeamento é cada vez mais poderoso. Começou no princípio deste mês a grande ofensiva aérea sobre o inimigo.

Ao passo que a Inglaterra desloca para os céus do continente a guerra aérea, as suas defesas revelam-se cada vez mais eficazes. Os radio-indicadores, invenção subtil, que permite «descobrir», de noite, todos os aviões, estão «au point». E os caças, sempre mais velozes e em maior número, estão alerta. O espaço aéreo inglês torna-se assim invulnerável. A Inglaterra, que tem a supremacia dos mares, no próximo outono terá a supremacia dos ares.

Uma declaração

A Embaixada inglesa tornou pública a seguinte declaração: «Em relação com o afundamento do vapor português «Ganda», a Embaixada Britânica está habilitada a declarar categoricamente que nenhum submarino britânico ou aliado se encontrava, na data em questão, nas águas em que o incidente ocorreu».

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**

Editor: **ROCHA RAMOS**

Redacção e Administração: Rua de S. Nicolau, 119-3.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



OS VALOROSOS SOLDADOS DO EXÉRCITO IMPERIAL QUE FIZERAM A CAMPANHA DA CIRENAICA E CONQUISTARAM A ERITREIA, A SOMÁLIA E A ABISSÍNIA, MARCHAM AGORA NO CORAÇÃO DA SÍRIA

OS INGLESES NO ORIENTE

“SEGUNDO o plano alemão, a Turquia não teria apenas que defender os estreitos e acautelar as suas fronteiras. Deveria também conquistar o Egito, organizar levantamentos na Pérsia, preparar a criação de estados independentes na Transcaucasia, ameaçando ainda a Índia e o Afeganistan. A Alemanha não teve uma concepção objectiva, fria e clara daquilo que os turcos lhe poderiam dar. Dir-se-ia que as recordações dos contos

das “Mil e uma noites”, com as imagens dos desertos da Arabia perturbaram, nêsse particular, o raciocínio dos meus compatriotas, de ordinário tão clarividentes”.

Este resumo da acção germano-turco no Próximo Oriente, durante o último conflito, é do mais destacado cabo de guerra que ilustrou, há vinte anos, as páginas da história militar do Reich no Próximo Oriente: o general Liman von Sanders. A

sua evocação tem uma actualidade e uma oportunidade evidentes. Foi no Próximo Oriente que a frente dos Impérios Centrais, durante a última conflagração, abriu brecha. A marcha triunfal das tropas britânicas marcou o início duma derrota que teve o seu epílogo na assinatura do armistício. O homem que presidiu a execução dessa tarefa gigantesca, gloriosa, foi o general Allenby. Por uma coincidência curiosa é ao seu biógrafo, o gene-



O general Henry Maitland Wilson, notável estratega, que dirige as operações na Síria

ral Wavel que cabe, neste momento, o encargo de realizar de novo a obra que então foi coroada por um êxito decisivo.

Os ingleses, depois da ofensiva fulminante do inverno que os conduziu de Sidi-Barrani a Benghazi e pôs fora de combate o exército do marechal Graziani, tiveram de defrontar novas dificuldades criadas por motivos inesperados de ordem política e militar. A campanha dos Balcãs, o desembarque dum corpo expedicionário alemão no norte da África, o golpe de estado de Rachid Ali e as complicações crescentes com o governo de Vichy, deram origem a uma nova fase da guerra colonial que se encontra em pleno decurso.

Os resultados já conseguidos marcam o sentido em que as operações se encaminham e assinalam o seu desfecho. O comando britânico e os seus auxiliares conhecem o mundo árabe. E' êsse um dos seus triunfos essenciais na partida em que estão empenhados. Nos países da Arábia e da Ásia Menor a influência da Gran-Bretanha mantém-se intacta.

O mesmo pode dizer-se do episódio sírio. Embora aí as tradições da luta sejam um pouco diferentes a linha geral dos acontecimentos é idêntica. E' sobretudo no conhecimento de terreno e na simpatia das populações que a ofensiva do general Wilson se apoiou. A adesão do coronel Collet à causa de De Gaulle marca uma fase dolorosa da vida da França. A colaboração dos indígenas do Djebel Druso, que abriu aos ingleses o caminho de Damasco, tem um significado mais profundo e encontra a sua explicação na simpatia das populações locais pela causa britânica.

Estratégicamente as lições da última guerra ensinam claramente que a conquista do Egipto só pode realizar-se pela

acção conjugada de duas forças, uma operando de oeste para leste através do deserto libio, outra descendo do norte para sul, pela Síria e pela Palestina até o canal de Suez. A resistência inglesa em Tobruk é um dos pilares em que se apoia o esforço das tropas que se escalam pelo Egipto ocidental, desde Sollum a Alexandria. A liquidação da revolta no Irak com a operação complementar da Síria torna inviável qualquer tentativa para agir directamente sobre o canal.

A assinatura recente do pacto de amizade entre o Reich e a Turquia significa o termo duma tentativa que repetia a que, com outros recursos e maiores possibilidades, o general Liman Von Sanders considerava um sonho das "Mil e uma Noites". Em 1917 como em 1941 a causa da Gran-Bretanha, servida pelo valor das suas armas, triunfou naquelas paragens com a colaboração valiosa dos diversos povos e nacionalidades que assim quiseram exprimir o fundo dos seus sentimentos.



Um heróico veterano da campanha da Líbia, condecorado por feitos notáveis de guerra, com a sua mortífera metralhadora



“O HOMEM DO CRAVO NA BOCA”

O folclore português encontrou a sua suprema expressão de beleza nos admiráveis bailados do «Verde Gaió», dirigidos por Francis, sob o patrocínio de António Ferro. Ruth, a linda zagala, numa graciosa coreografia, canta, no palco do São Carlos, a graça e o perfume dos rubros cravos de Junho



Aproveitam-se os últimos momentos. A campainha retine com um som diferente dos outros dias. Vão começar os exames do liceu

COMEÇARAM OS EXAMES

OS exames! — eis a grande emoção do estudante, a sua maior aventura. Neste tempo de calor sufocante, o «calor» de um exame «apertado» faz suar as estopinhas ao pobre estudantinho, que, depois de quebrar a cabeça para «empinar» a matéria do programa, sofre «côlicas» e afrontamentos, enquanto a areia corre com infundável lentidão na ampulheta e a sombra negra da «raposa» temida cresce diante d'êlo, como um pesadêlo, domina-o, finca-lhe as garras, aperta-lhe a garganta e quasi o estrangula.

São assim «chumbados» alguns, até dos «cursos», que se apresentam diante do juri, como se levassem já a maldita «raposa» às costas. Sob o peso d'esse fardo tremendo, vacilam, atropalham-se, não atinam com as respostas precisas — metem os pés pelas mãos e «estendem-se».

É um caso sério, isto dos exames. Não que

os professores sejam, positivamente, umas «feras». Eles já passaram pelos mesmos «apêrtos», também sentiram idênticas aflições e não «chumbam» os rapazes, como quem atrai aos pardais, por «sports».

Houve, em tempos recuados, em qualquer douta corporação da estranha, um venerável académico — Méseray — que deitava por sistema, uma fava preta no saco das votações, quando se tratava de eleger algum novo imortal. E parece que, também, alguns mestres alcançaram a celebridade, por idêntico processo, nos exames, nas velhas Universidades. Mas isso são histórias de outras épocas, em que os exames e as provas de inteligência e destreza mental obedeciam mais a rigores do formalismo e praxes convencionais do que a deduções de lógica.

Um exame é sempre um acto solene e grave na vida do estudante e torna-se complicado para êles pelo ambiente do nervosismo em que decorre. São longas horas dedicadas a pacientes e esgotantes estudos, às vezes anos de trabalho, em que se sacrificam os momentos propícios às solicitações do temperamento bulhoso e que podem perder-se num momento cruciante de indecisão, sonhos e aspirações que podem desfazer-se num instante, por lentidão do raciocínio, por um engano, a suscitar êrros incompreensíveis e irremediáveis, até por temidez.

Um aluno aplicado pode fazer um mau exame e, às vezes, um «cábula» faz um «brilharete», na prova oral, porque pôde dominar os nervos e encarou o caso na mesma simplicidade e com o mesmo desprendimento da sua vida de escolar boêmio.

Começam já os exames e os estudantes andam numa roda-viva, preocupados e apreensivos. Nas escolas primárias, os pequenos escolares vem-se metidos em trabalhos, com problemas intrincados a resolver que lhes dão volta ao miolo, perguntas que requerem respostas exactas, rápidas, decididas e convincentes. São as contas que se multiplicam ao infinito, com as virgulas impertinentes a complicar as operações e a dificultar os resultados, os ditados que têm de sair limpos e sem borrões, os caminhos «escusos» da História, engolfados na sombra, onde os pequenos se perdem e não atinam com a saída, as interrogações mais ou menos habilidosas, as tais «preguntas de algebeira» que desconcertam os mais espertos.

— Dê-me cá, o menino, a inversa de castigo.

E ao garoto, que sonha com o lindo relô-



As notas do último periodo. Uma surpresa agradável. Passou em matemática. Já está marcado o dia para a prova escrita



Uma prova escrita de história. As perguntas são fáceis apesar de serem muitas. Os alunos estão separados por carteiras vazias



Os rapazes auxiliam-se mutuamente. Um serve de professor.



No claustro do Liceu Passos Manuel. Dúvidas que se esclarecem

gio de pulso prometido pelo pai, como recompensa, se ficar bem no exame, não lhe ocorre logo a resposta precisa. Tódas lhe parecem acertadas, mas hesita, fica-lhe debaixo da língua a melhor e sai-lhe aquela, a que ouviu e lhe sugere qualquer coisa ao contrário da pergunta formulada.

— Então, o menino não sabe? Suponha que pratica uma má acção: é castigado, não é assim?

— Sim, senhor professor.

— E se, ao contrário, cometer um acto generoso, nobre, heróico, que pode ganhar com isso?

— Uma recompensa, senhor professor.

— Não era bem essa resposta, a que eu desejava. Gostaria, antes, que me tivesse respondido: o inverso de castigo é o prémio. — Bem! pode sentar-se, estou satisfeito!

E o garoto, que se viu em palpos de aranha e rogou a todos os santos do céu que o protegessem para não ficar sem o relógio, continua a sofrer, enquanto não sabe o resultado do exame.

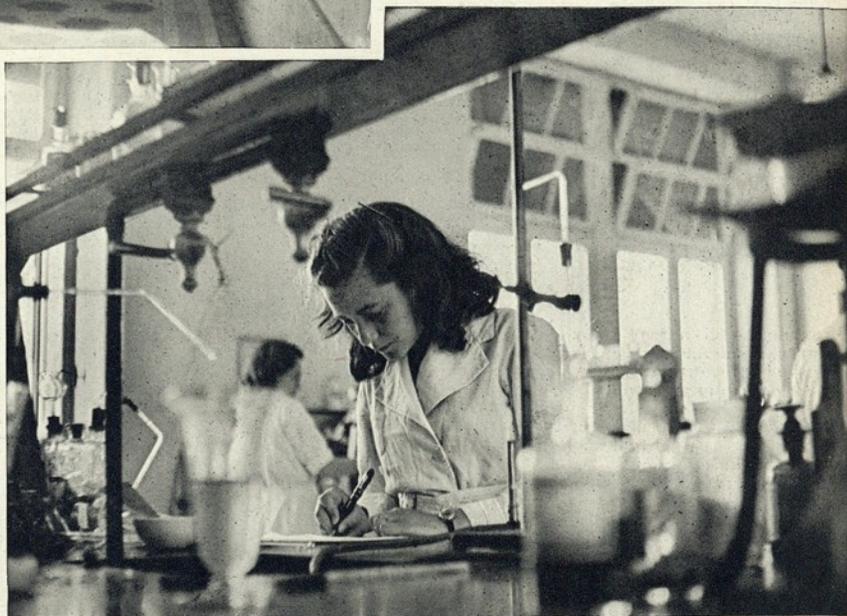
Possivelmente, ficará radiante, com uma boa nova. Estes exames são antes destinados a captar as sugestões das inteligências em evolução, as possibilidades de apreensão das coisas e a capacidade de raciocínio desses pequenos cérebros que começam a abrir-se para a compreensão da vida.

Em tódas as escolas, milhares de garotos são submetidos a idênticas provas ou ensaios de observação.

Ao mesmo tempo, nos liceus decorrem os exames mais complicados, mais difíceis, com objectivos diferentes. Ali são as matemáticas, as noções dos vários ramos de ciência que procuram explicar os fenómenos da Natureza, os conhecimentos da história política, as regras económicas que conduzem à prosperidade dos povos, os fundamentos latinos da língua pátria e os idiomas estranhos; provas práticas, as mesmas perguntas desconcertantes, sobre assuntos mais vastos, maiores responsabilidades para os examinandos que têm de impor a sua personalidade e demonstrar conhecimentos.

E' complicado, isto dos exames e, valha a verdade, muito mais «apertado» do que naquele tempo, em que um estudante, em Coimbra, quando chamado ao quadro, se ia «em branco», traçava uma linha horizontal na ardôzia e prolongava-a, pela parede, até à saída da aula, ante o olhar restupefacto dos mestres e a galhofa dos colegas — e ia apanhar a raposa, com um «chumbo», aos «Gerais».

ANTÓNIO DE FARIA



Uma prova de química prática. Como se prepara o hidrogénio? Primeiro há que escrever a reacção



Robert Andrews e sua mulher, por Thomas Gainsborough

RETRATISTAS INGLESES

Por JOHN STEEGMANN

Quem passar uma revista a todos os Museus da Europa com o propósito de encontrar belos exemplares da pintura inglesa, ficará, em geral, desapontado. Para bem apreciar o que a Inglaterra tem feito nesse campo da arte, será melhor visitar os Museus e, se possível for, as casas particulares na própria Inglaterra e nos Estados Unidos.

Que tem ela produzido? Duas coisas distintas. Inventou uma arte de pintar paisagem que, mediante Turner e Constable, se desenvolveu na famosa escola impressionista francesa do século passado e conseguiu trazer ao auge da perfeição a arte de pintar retratos, traduzindo uma coisa, que há muito se executava no Continente, para um idioma inconfundível-

mente inglês. Pode-se reconhecer imediatamente um retrato executado por um pintor britânico, mesmo que se encontre entre outros de escolas diferentes, não só pelo seu aspecto de intimidade e individualidade tão características, como também pelo ar de sobriedade que o distingue.

Desde a época da Rainha Isabel, no século XVI, os ingleses têm manifestado grande empenho em terem os seus retratos pintados, com suas mulheres, os seus cavalos e cães e as suas condecorações. Os retratos mais antigos tinham em geral o fito de marcar a categoria dos seus modelos, os seus bens, jóias e braços, de preferência à sua pessoa. Quando a sua execução não é bem feita, estes retratos têm linhas duras e são frios de aspecto,

mas quando perfeita, como no maravilhoso retrato de corpo inteiro da rainha Isabel, essas obras são magníficas e dominadoras.

Durante o século XVII, a escola inglesa de pintura desenvolveu-se vagarosa mas firmemente, segundo o costume deste país, apanhando de passagem algumas ideias de Anthony Vandyck, até que no começo do século XVIII, conseguiu fixar-se. Os pintores ingleses já sabiam então precisamente o que queriam e como executá-lo. Devem lembrar-se que os seus modelos eram homens e mulheres ingleses que sempre têm sido notáveis no que diz respeito a individualidade. Eles

(Continua na pág. 29)

UMA OBRA PRIMA DE REYNOLDS



UM QUADRO CELEBRE DE HOGARTH





Os valentes marinheiros do cruzador "Dorsetshire", que afundou a torpedeiro "Bismark", entusiasticamente recebidos no seu regresso a Inglaterra, gritam: Vitória!

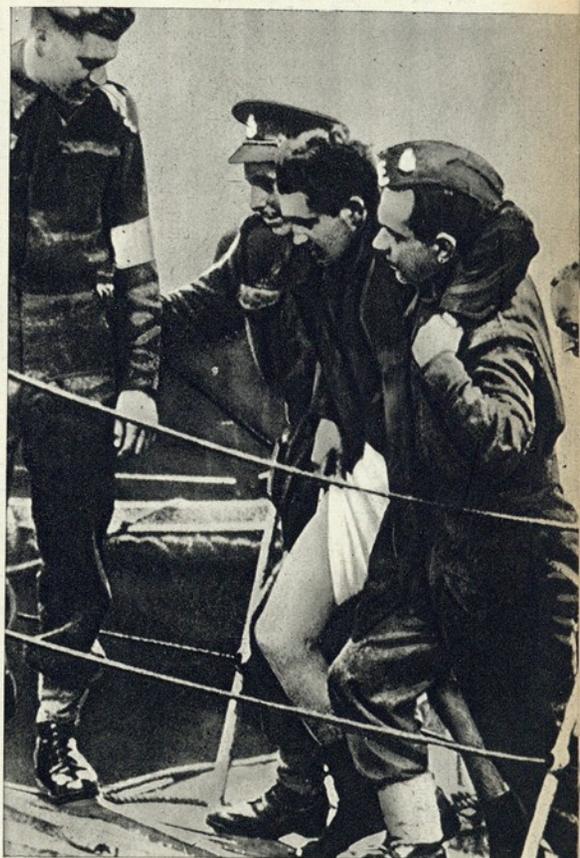
O FIM DO "BISMARK"



Outros marinheiros do couraçado alemão destruído no Atlântico, no momento de chegarem à Inglaterra



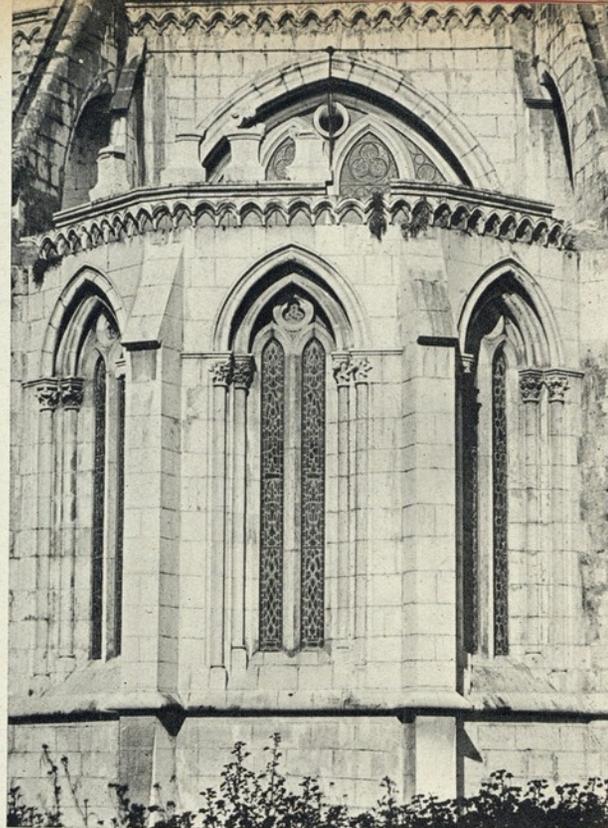
Os sobreviventes do "Bismark" desembarcam na costa inglesa sob a curiosidade da multidão



Um ferido da tripulação do "Bismark" é conduzido para terra por dois soldados ingleses



Graças ao Governo nacional, que confiou à Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais a restauração do nosso património arquitectónico, a Sé de Lisboa foi agora reintegrada



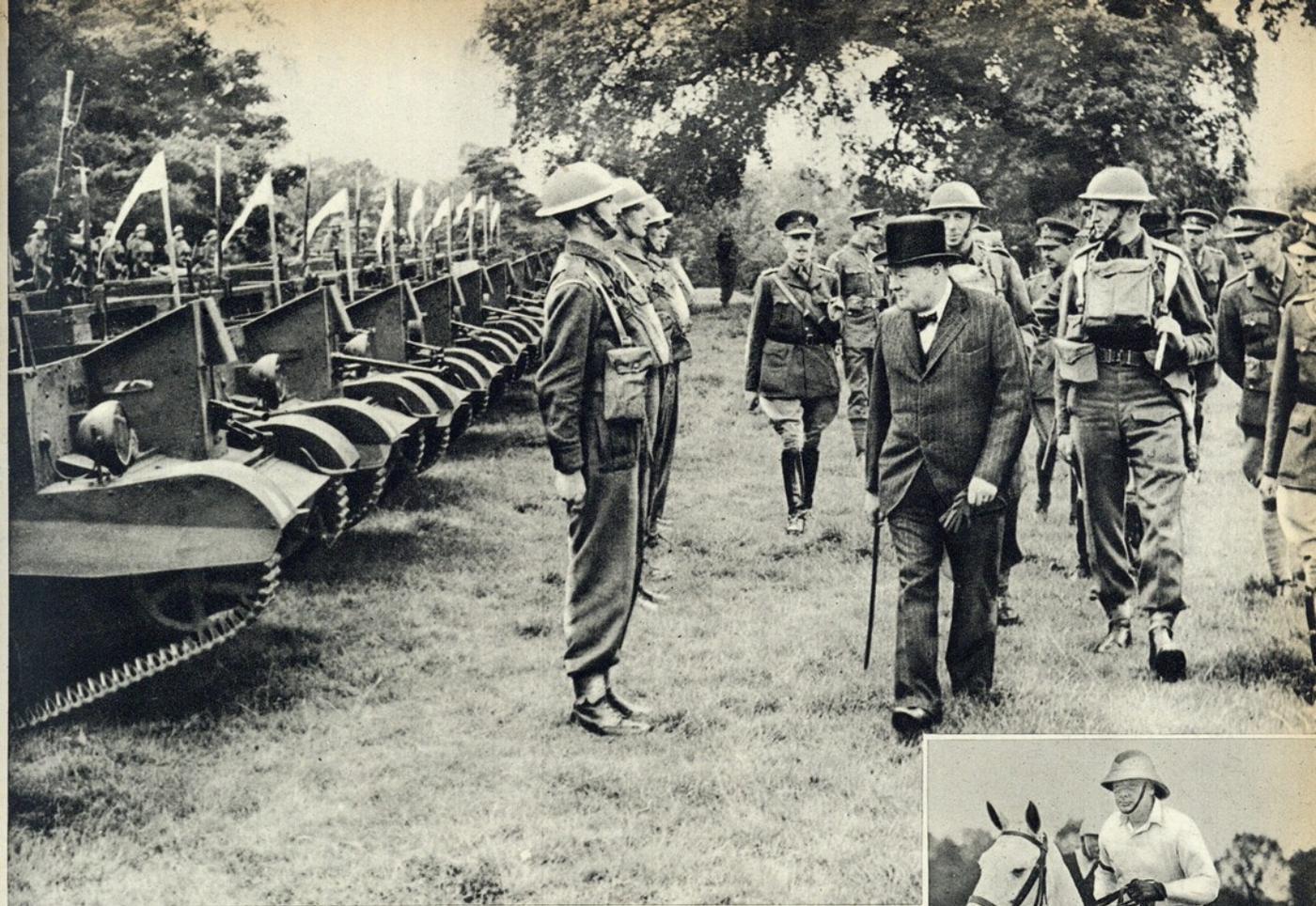
Um aspecto exterior das capelas com os seus esbeltos arcos ogivais, cujas janelas geminadas são recobertas de policromos vitrais



Uma parte do velho claustro que vai ser reedificada, sob a direcção dos srs. engenheiros Gomes da Silva e Baltazar de Castro



A sombra de uma das naves da Sé, dorme uma das grandes figuras da Igreja portuguesa



Maior do que Pitt! proclamou Harold Nicholson na Câmara dos Comuns

A VIDA DE CHURCHILL

NA última década da época vitoriana, o Império gosara de uma era de paz tão prolongada, quasi continua, que as condecorações, e tudo o que elas representam de experiência e de aventuras, se tinham tornado extremamente raras no Exército britânico. Os veteranos da Crimeia e da campanha da Índia já não estavam no activo. Os combatentes das campanhas do Afeganistão e do Egipto, no principio de 1880, eram, por sua vez, veteranos. Desde essa data que se não davam tiros. Quando eu entrei para o 4.º de Hussares, em Janeiro de 1895, não havia um único capitão, e ainda menos um subalterno, que pudesse gabar-se de ter tomado parte na mais pequena escaramuça. É a raridade que empresta valor às coisas. Nunca o serviço de guerra fôra tão considerado pelas autoridades militares e procurado, ardentemente, pelos officiaes de todas as patentes. Era o caminho mais rápido para a promoção nas diversas armas. Era a porta que dava acesso ao caminho da glória, admirado pelos homens de idade e pela gente nova.

Preguntávamos a nós próprios se alguma vez chegaria a ocasião de nos distinguirmos assim, ou se teremos, indefinidamente, que tomar parte nas batalhas pacíficas que, em tempo de paz, se desenrolam na «mess». É certo que para nós contavam as pugnas do polo, da caça e das corridas de cavalos. Mas só o soldado que estivera activo em fogo parecia nimbado pela auréola que o rodeava duma simpatia espontânea e unânime a que se associavam os generais, sem superiores, os officiaes, sem subordinados e, sobretudo, as mulheres.

A falta de serviço activo fazia-se sentir cruelmente no meio que eu era obrigado a frequentar. As nossas lamentações iam ser ouvidas e os nossos desejos satisfeitos, até um ponto que mal poderíamos imaginar. A era de paz ia ter o seu termo e não nos iam faltar as guerras. Havia guerras para toda gente. Havia mesmo guerras de mais. Poucos, de entre os jovens officiaes que se alistaram por essa altura em Sandhurst ou nas forças de S. M., conseguiriam escapar às provações horríveis que o destino nos reservava. Procurávamos ardentemente servir nas pequenas escaramuças que a fronteira da Índia e o Sudão nos ofereciam. A guerra dos boers ia atingir notáveis proporções e satisfazer as exigências do nosso pequeno exército. Por cima de tudo isso teríamos ainda um dia de suportar o dilúvio.

Procuerei, então, pelo mundo inteiro, um local propicio às aventuras. Num único ponto do globo a paz, em que o mundo adormecido, fôra interrompida.

Dizia-se que a guerrilha prolongada entre os espanhóis e os rebeldes cubanos ia atingir um ponto critico. O marechal Martinez Campos conhecido pelas suas vitórias e pelos seus pronunciamentos, fôra enviado para Cuba. Oitenta mil soldados espanhóis atravessavam o Oceano para, num esforço supremo, tentarem dominar a sublevação. Ali, pelo menos, havia luta. Desde criança que eu sonhava com soldados e com guerras. Nos meus sonhos muitas vezes experimentara as sensações do bapuzamento de fogo. Na minha inocência de rapaz julgava que devia ser uma experiência maravilhosa ouvir sibilar as balas e brincar com a morte. Agora



O primeiro ministro, em 1923, jogando o polo em Worcester Park

que tinha deveres profissionais parecia-me que devia fazer um ensaio particular da grande prova, para me certificar de que esta não seria superior às minhas forças. Por isso resolvi partir para Cuba.

Dei conta dos meus projectos a um camarada, Reginald Barnes, que mais tarde havia de comandar uma divisão em França. Acolheu-os com entusiasmo. O coronel e o official da «mess» viam também, com favor todas as tentativas para se adquirir uma experiência profissional maior nos campos de batalha. Isso era tão desejável e útil como uma partida de caça, sem a qual nenhum official subalterno ou capitão podia conquistar uma reputação aceitável. Assim, encorajado, escrevi a um dos velhos amigos de meu pai, Sir Henry Wolff, que era então embaixador em Madrid, para conseguir, das autoridades militares espanholas, a necessária

(Continua na pág. 29)

BREST SOB O FOGO DA R. A. F.



MONTAGUE B. BLANK

A R. A. F. começou a sua devastadora ofensiva sobre a Alemanha e os territórios por ela ocupados. Cada dia que passa, como disse Churchill, cairão mais toneladas de bombas, e sempre de maior poder destruidor, sobre a infraestrutura da indústria de guerra do inimigo e os seus pontos estratégicos. Todos os portos da possível invasão são terrivelmente castigados, como o de Brest, que a nossa gravura representa, onde já foram atingidos com graves danos os couraçados alemães «Gneissau» e «Scharnhorst».

O atentado contra o GANDA



Parte da tripulação do vapor português que foi bárbaramente torpedeado sem aviso prévio por um submarino não identificado



O capitão Manuel Patão, comandante do «Ganda», ao desembarcar em Lisboa



Os náufragos do «Ganda» a bordo do «Fafes», que os recolheu no mar alto



O Rei Haakon, cuja notável personalidade ilustra a história da Noruega, acompanhado de vários ministros, recebe, numa festa em Londres, pequenas bandeiras nacionais que lhe são entregues por duas gentis norueguesas com os trajes característicos do seu país



No coração de Alfama. O bairro pitoresco e marinho da cidade

Qual o sítio mais bonito de Lisboa?

Responde o pintor Varela Aldemira

O ilustre pintor Varela Aldemira fala-nos hoje do seu «bairro», um bairro que não o viu nascer, mas onde ele passou a sua adolescência. Fez ali os seus primeiros esboços — e aprendeu na grande escola da rua, ou, no alto da sua mansarda, a sentir o bairro marinho; essa Alfama tão pitoresca, com as suas angústias e belezas emmaranhadas, os seus prédios de ressalto, e os seus registos de azulejo, onde Santo António ou São João recompõem a linda legenda dos seus milagres. Eis o que ele diz:

Eu não nasci em Lisboa, mas é como se tivesse nascido. Desde menino que me habituei a ver, querer e amar Lisboa. Morávamos ali para St.^a Apolónia, em frente da velha estação do caminho de ferro, tendo por fundo o Tejo e as margens da outra banda. Aquêles sítios de Alfama, de inverno ou verão, eram para nós sempre lindos e divertidos. Lisboa, para os nossos olhos de criança, limitava-se a essa facha bairsta que vai do Chafariz de Dentro até Xabregas. A Rua dos Remédios e a Rua do Paraíso, duas grandes artérias da “cidade”, febril onde habitávamos. O Museu de Artilharia, recheado de canhões e de pinturas, onde pela primeira vez tomei conhecimento com a arte de Columbano e de Malhóa, o Hospital da Marinha, St.^a Clara e a feira da Ladra, S. Vicente e o monumento de St.^a Engrácia, foram motivos de atracção onde nos perdíamos de noite, de dia, aos domingos, nos dias de gazeta aos estudos, satisfazendo as nossas rapaziadas.

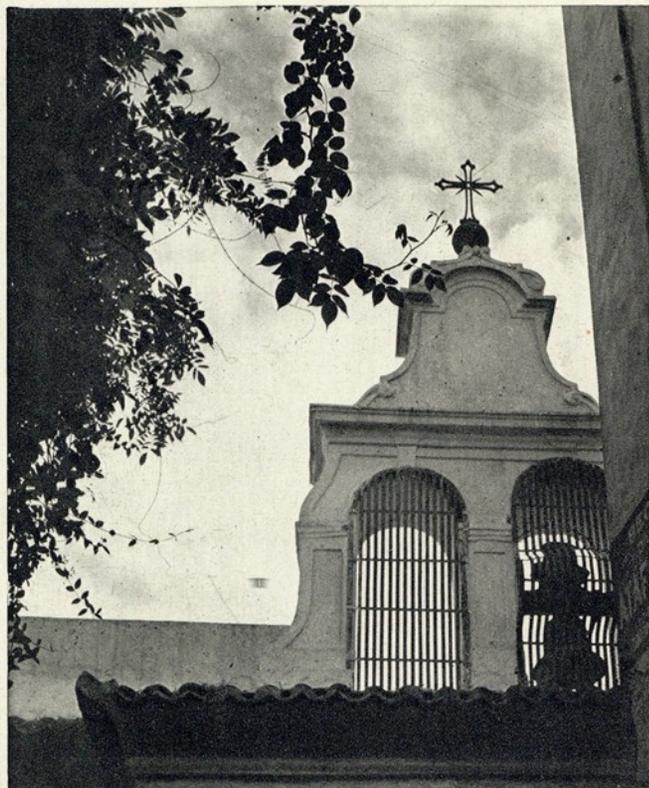
Era preciso comprar um lápis? Ia-se à Rua dos Remédios. Era preciso cortar o cabelo? Rua dos Remédios. Era preciso ir ao alfaiate, à botica, ao sapateiro, à capelista, ao mestre escola?



Uma das igrejas do bairro, pequenina como um sacrário

De tudo havia e tudo se ia buscar à Rua dos Remédios. Para lá do Chafariz de Dentro, a fronteira. Tomar o americano para ir ao Rossio, era o mesmo que ir a Paris.

Gosto imenso de Lisboa, dos seus monumentos, dos bairros novos e antigos, do pitoresco que lhe empresta o Tejo com as suas margens movimentadas ou tranqüilas, azulinas pela névoa da madrugada, vermelhas ao pôr do sol, e, sem poder dar a preferência a qualquer sítio, digo que nunca mais se apagará das minhas recordações, a vetusta Rua dos Remédios, rival e competidora da Rua do Paraíso, ambas de saudável memória.



Os sinos tocam e tóda a poesia do entardecer se concentra na luz recortada no céu

TROPAS PARAQUEDISTAS



O exército do ar Inglês, que conta milhares de arrojados soldados, já entrou em acção



Num campo de instrução. Um grupo de paraquedistas exercitando-se em descidas



Um treino de saltos. O paraquedista tem que chegar ao solo com as pernas afastadas, na posição clássica



Um grupo de infantas do ar, no interior dum avião de transporte de tropas, prontos para se lançarem no espaço



O paraquedismo é a nova paixão de mocidade inglesa. São escolhidos os homens mais fortes e decididos



Uma afrodite do século XX, de óculos fumados e «pull-over» de lã, sob a radiação maravilhosa do sol. Ao longe, o cancionista das águas na enseada azul



O que os nossos passos escrevem na areia e que outros emendam até que o mar apague tudo na sua maré prateada



Ao pôr do sol. Aproveitam-se ainda as últimas horas de luz. A praia embebe-se de roxo e de violeta



«O mar também tem amantes». O artista algarvio Costa Júnior, apaixonado escultor da areia, com as suas efêmeras criações de beleza

“O mar também tem amantes”

COM os primeiros júbilos de Sol estival, vai pela costa um alarido de singulares e vibrantes entoações, um marulhar de vozes, em pronúncias diferentes, com o travo da maresia, o gosto silvestre do rosmarinho das serras ou o delicioso sabor das frutas dos vérgéis, quando, à hora da chegada do peixe, se juntam nas praias a multidão de marítimos e toda aquela gente que vem, em rustilhada, dos lugares distantes para provocar calorosos despiques nas lotas.

As tarefas dolorosas parecem mais leves e o mar desdobra-se até ao infinito, calmo, transparente e luminoso, salpicado de velas brancas, como uma grande ilusão, miragem de aventura que, umas vezes, põe luto nas almas e noutras alegra os corações.

E esse contentamento alastra como o crescer das marés; entra nos casebres dos humildes, corre pelas praias, sobe aos terreiros dos arraiais, anda pelas romarias, baila nos lábios rubros das raparigas ou vibra nas canções dos mareantes e acompanha-os pelo mar fora, nos baixéis de contornos elegantes, que, a velejar no horizonte, lembram as aventuras dos fenícios, dos gregos e outros antigos navegantes.

Nas praias de areias fulgentes, com cenários magníficos, em cambiantes de côres que vão do negro-sombra ao vermelho-sangue das falaises, e contrastes de luz que põem cintilações de pedrarias nas arestas dos rochedos, há uma animação desusada, aspectos diferentes, outros motivos de graça.

Não é, apenas, o encanto da paisagem marítima, cheia de claridades e alacres coloridos. São as sugestões que nos vêm da multidão de gente estranha, das loiras “Misses”, dos banhistas da Costa Azul, das perturbadoras mulheres que trazem nos olhos

azuis a nostalgia dos lagos alpestres, das regiões frias onde o mar se esparguiça entre a neblina, das praias mundanas com casinos luxuosos e palácios de sonho. Essa gente é como a onda inquieta que corre pelas praias em aflições, passa e morre, sem deixar vestígios na areia. E as nossas praias hão-de tornar-se êrmas e silenciosas, quando a multidão cosmopolita tiver debandado, em busca de novos rumos.

Mas, quando partirem essas mulheres estranhas que parecem nascidas das espumas, o mar entristecido guardará a lembrança dos seus perfis esculturais. Ficarão nas praias desertas o eco das risadas cristalinas, e à noite, sob a claridade das estrelas, as sombras, retocadas pelo pálido fulgor de luaceiro, desenharão os corpos esbeltos e ágeis que mergulharam, com volúpia, no nosso mar de sonho e despertaram efêmeras paixões de amor.

Oh deliciosa Miss Betty! o amor, mesmo entre os portugueses, mesmo aqui, onde “o mar também tem amantes”, é uma ilusão fugidia, como a onda inquieta!

É como o sonho desse artista enamorado do mar e seduzido pelas mulheres, que modela estátuas magníficas na areia onde se constroem castelos de fantasia. Caso singular, o desse artista!

As figuras que ele desenha na areia, em relevos de suaves contornos, são prodígios de beleza plástica, têm expressões deliciosas, parecem palpitar ao contacto das mãos que as acariciam e chegam a perturbar-nos com ilusórias imagens de amores ideais.

Mas a onda fugidia que vem beijar a areia desfaz o sonho do artista em rolos de espuma — como a ilusão que se esvai em fumo...

César dos Santos



Uma linda flor do mar, triunfal na sua esplendorosa claridade solar e que parece respirar com avidéz as belezas oceânicas



Crianças da guerra. Este pequeno londrino, no meio duma pilha de radiadores dum prédio destruído dá um exemplo de serenidade. Na primeira linha de fogo, brinca com um telefone, estabelecendo uma comunicação com o seu "quartel general",



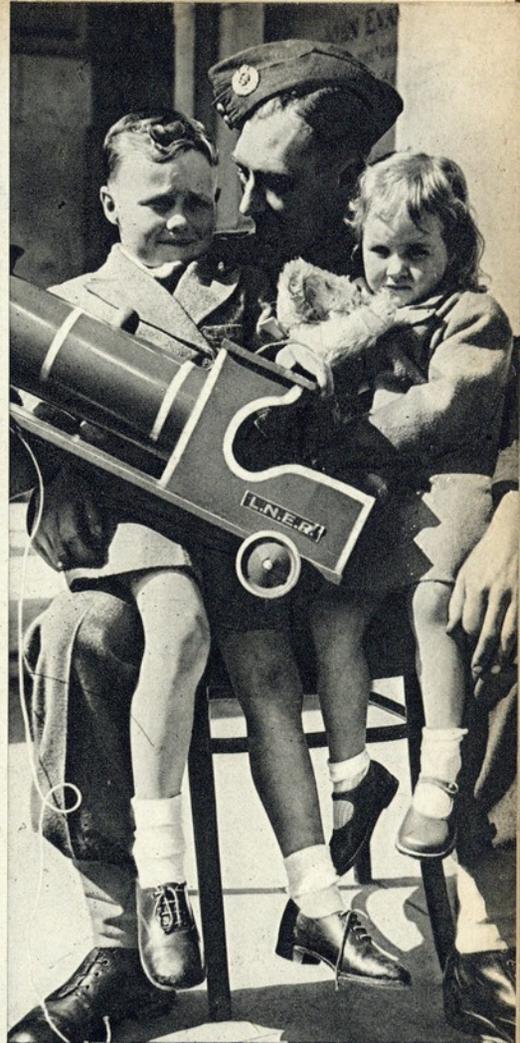
Crianças de Londres, salvas dos bombardeamentos, tratam carinhosamente das bonecas que, como elas, vão fazer uma grande viagem



Uma curiosa exposição de estilhaços de granadas lançadas pelos aviões inimigos. Os pequenos ingleses familiarizam-se assim com a guerra



Uma pequena evacuada numa estação de Londres. Um avião inimigo passou e destruiu-lhe o lar. Tudo perdeu, menos a boneca que é quasi do seu tamanho



Estão agora no Canadá. Freddie, de 6 anos, salvou a irmã, enterrada nos escombros do domicílio londrino



Madame Roosevelt e o antigo presidente Hoover têm recolhido milhares de crianças inglesas numa obra admirável de humanidade. Não falta boa disposição no ginásio infantil



Na epopeia de Londres, até as crianças são heróis. Dois amigos numa casa destruída por uma bomba

Página Feminina

de AURORA JARDIM

GOSTA DE RECEBER EM SUA CASA?

As pessoas que, na sua quinta ou na sua herdade, recebem pessoas amigas, têm que possuir um certo número de qualidades afim de lhes tornar a estadia o mais agradável possível.

Assim:

- O serviço deve ser impecável. Embora entregue a pessoal competente, a dona da casa vigiará tudo.
- Uns amigos trazem outros,

por isso terá prazer em ver caras novas.

● Suportará com paciência e sorriso algumas recriminações que lhe fizerem (como por exemplo, os pequenos do quarto ao lado, que choram de noite ou a criada que partiu o frasco do *nécessaire*).

● Esforçar-se-á por adivinhar os gostos, as predileções de cada hóspede, deixando-lhes, no entanto, a máxima liberdade de emprego do seu tempo.

● Nada faltará nos quartos, desde o sabonete ao papel de escrever, do livro à flor.

● Mostrará sempre que tem bom gosto.

● A discreção é uma das melhores qualidades dos donos da casa, no que respeita a conversas, correspondência, intriguitas, insídias, etc.

NÃO TENHA MÊDO DOS ANOS

Cada idade tem a sua beleza particular. O que é preciso é, cada mulher, estar dentro dela e, tendo cinquentá, não querer parecer vinte.

É um erro julgar que uma maquilhagem faz atenuar os anos; pelo contrário, quanto mais esbatida fôr, menos fará ressaltar as rugas.

Alguns conselhos:

Quando puser o rouge, coloque-o bem firme nas faces e alto, sem estender para as fontes. Isto ergue as feições e dá aparência de maior consistência.

O seu pó não deve ser nem muito claro, o que daria ao rosto o aspecto de máscara, nem muito escuro, o que lhe acentuaria os traços. Se quiser adquirir um tom mate passe, primeiro, uma camada de pó no tom da pele e depois outra um pouco mais carregada. Tire o excesso com um pouco de algodão.

Não reduza as sobrancelhas a uma linha muito fina; depile apenas os que saírem do alinhamento.

Com uma escovinha unte as pestanas e sobrancelhas com um pouco de vaselina, mas muito ao de leve para que não colem. Se gostar de rímel, use-o em tom muito suave: azul pastel, verde, castanho.

Na boca, ponha um *báton* claro sem muito acentuar o lábio superior.

Quanto aos cabelos, deixe-os ficar na cor natural. A pintura parte-os e dá-lhes um tom desagradável com a continuação.

Tódas as noites tire a maquilhagem e deixe respirar a pele à vontade.

AS FLORES QUE SE USAM E A SUA SIGNIFICAÇÃO

Um *tailleur* sem flôr na botoeira não está completo.

Assim como uma pelissa, um casaco de peles, um regalo, também estão mesmo a pedir o romântico ramo de violetas... que significa «modéstia».

Ora temos o rainúnculo que quer dizer «amabilidade» e a nota rubra das papoilas que simbolizam a «inquietação».

Num casaco preto ficam lindamente a camélia lembrando uma das mais belas qualidades humanas, a «constância» e também a gardénia representativa doutra tão rara: «sinceridade».

A «prudência» vem com as zinias e os malmequeres trazem «amizade».

Um chapéu todo feito em rosinhas de tocar recorda a «abundância» e se fôr em rosas-chá, a «delicadeza».

O cravo na lapela muda de significado segundo a cor: branco: «probidade»; amarelo: «orgulho»; cor de rosa: «fidelidade»; vermelho: « vaidade».

Os gerâneos de veludo e perfumados a *Je Reviens* são mais lindos do que na realidade e são sublinhados pela palavra «dedicação» e o delicado *muguet* que se dá no dia 1 de Maio à pessoa que se ama, não podia deixar de ser o voto da «felicidade».

A tuberosa lembra «morbidez» e as anêmonas («doçura») ficam lindamente numa grande capeline de palha preta.

Num belo dia de sol lembre-se dos goivos a gritar «fidelidade» e das pervingas que fixam a nostalgia dos luminosos dias passados com a «recordação».

Um vestido de baile todo salpicado de miosotes quer dizer: «saúde» e outro que é, na ponta da faixa, polvilhado de lírios significa: «pureza».

A finalisar o laço de fita que circunda o *canotier* podem colocar-se algumas túlipas, afirmando «amizade constante» e à orla do vestido de noite dá riqueza uma bainha de hortênsias que se pode traduzir por «imaginação».

E não é preciso dizer qual a significação da flôr de laranja que prende o véu da noiva: é no coração do noivo que ela se encontra: «esperança, ternura, claridade, amor».



Alguns modelos da estação de verão

Sport

A "final" da Taça de Inglaterra

O futebol, em Inglaterra, tem proporções incalculáveis. É o País do futebol. É inglês o jogo, inglesas as regras adoptadas em todos os países e, por acôrdo universal, uma instituição inglesa — The International Board F. A. — vela por este desporto, só a ela pertencendo a revisão e a alteração do código do jogo.

Uma imagem da importância do futebol da Gran-Bretanha: calcula-se em dez a doze milhões o número de espectadores aos jogos de sábado; as receitas atingem nos *matches* principais mil a dois mil contos; o maior estádio do mundo, o de Hampdon Park, em Glasgow, comporta cento e cinquenta mil pessoas — e é considerado pequeno para os jogos internacionais; o número de futebolistas constitue um verdadeiro exército; os profissionais recebem sete a oito contos por mês; em Londres há quinze a vinte estádios, com todos os requisitos modernos.

O maior acontecimento futebolístico em Inglaterra durante o ano é a «final» da Taça, com que se encerra a *season*. É a prova apaixonante. Nela participam mais de quinhentos clubes, amadores e profissionais, uma longa e emocionante eliminatória, um único jogo, até restarem os dois finalistas, que comparecem em Wembley, a noroeste de Londres, sob a presidência do Rei de Inglaterra — o primeiro desportista do império. É o jogo de maior repercussão mundial. No começo da época, o número de pedidos de bilhetes — de todo o mundo — duplica a lotação do estádio. Nas vésperas do jogo os bilhetes atingem cotação fabulosa —



Na final da taça de Inglaterra, o Rei Jorge VI, acompanhado pela Rainha Isabel entrega o célebre trofeu ao capitão da equipa vencedora

contos de réis! Há muitos desportistas londrinos que nunca conseguiram alcançar um bilhete para assistir ao grande encontro. Ao soar o apito final do árbitro as companhias de rádio e cabos telegráficos estabelecem competição inespçada para levar em primeiro, e em poucos segundos, o resultado a todos os centros do globo.

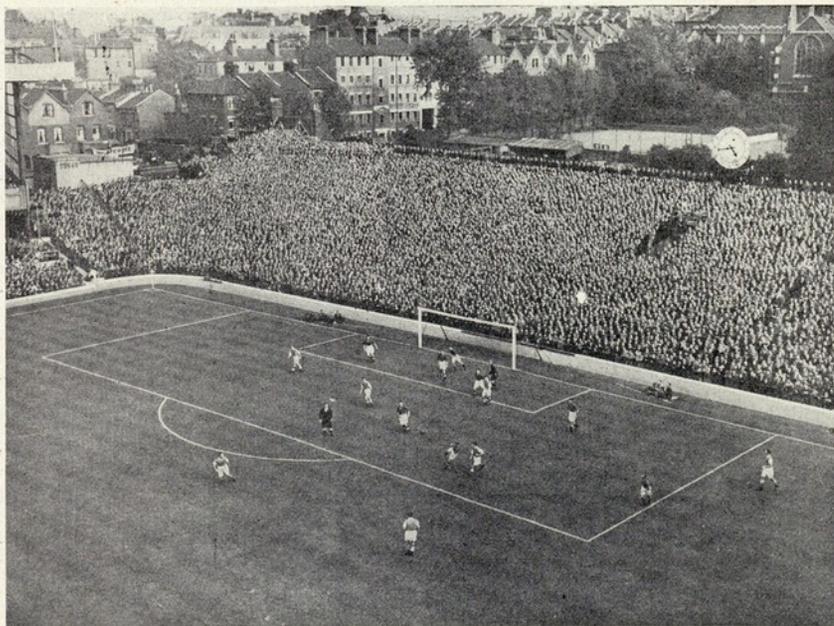
O espectáculo da final da Taça constitue, a um tempo, um vivo testemunho do espírito desportivo e do civismo inglês. É uma parada incomparável de alegria, da saúde física e moral, e de devoção às instituições democráticas inglesas. O Rei é a primeira figura do grande *match* e, nessa via, é ganha aos olhos dos desportistas proporções de camarada do futebol — nos breves momentos em que

dá o *shake-hand* tradicional a cada jogador que comparece na final.

Duas horas antes do jogo, o estádio está literalmente cheio. Na rua, massa compacta, de sardinha em lata, à volta do recinto do jogo, esperando ansiosamente a beleza dum luta viril mas a sorrir, de verdadeiro desporto — à inglesa.

A decoração é típica e garrida, e quasi infantil, dentro do sadio espirito britânico. A grande maioria dos espectadores decora-se com as cores das equipas dos finalistas: rosetas na lapela; *mascotes* penduradas ao peito; chapéus bisarras; e chegam a envergar, homens e mulheres, trajes pitorescos, quasi carnavalescos, numa profusão e garridice que oferece ao estádio colorido empolgante. As duas horas que precedem o encontro são preenchidas com cânticos populares cuja letra é dada a cada espectador à entrada. No centro do campo, num plinto enorme, à volta do qual evoluem as bandas militares, um típico regente daquele orfeão de cento e vinte mil pessoas comanda todos e todos cantam alegremente.

Há hora exacta, as duas equipas e o árbitro, entram em campo e o estádio envolve-se em silêncio absoluto. As duas equipas abrem alas em frente da tribuna real, donde parte um tunel em lona branca, até ao limiar do terreno. Todos os olhares se cravam na saída do túnel. É um momento de verdadeira emoção; de silêncio profundo. E o rei surge, modesto, simples, à paisana, e só e mal é divisado a multidão parece tocada por mola oculta num hurra vibrante, clamoroso — dir-se-ia ensaiado... O rei do maior império do mundo torna-se ainda mais simples, perfilando-se e descobrindo-se e dobra-se numa pronunciada vênica — ao seu povo. Depois as bandas executam o *God Save the King*, e os cento e vinte mil espectadores cantam, como orfeão gigantesco, afinado. Extinto o último acorde, o rei avança pelo campo. Acerca-se dos jogadores. Estende a mão a cada um deles. Felicita-os pela sua presença na final. Terminada a cerimónia o rei some-se pelo túnel branco por entre aclamações e, depois, silêncio. Ouve-se o apito do árbitro, e começa a luta de hora e meia. No final, são as equipas que sobem à tribuna real. O Rei faz a entrega da Taça ao vencedor, e tem iguais palavras de apreço para os vencidos e vencedores.



Uma fase emocionante de um encontro de futebol em Inglaterra, que a compacta assistência segue com verdadeiro interesse

Cândido de Oliveira

REALIDADE QUE ERA... SONHO!

NOVELA DE ROGÉRIO DOS SANTOS

— Até logo, meu amor!

— Adeus, até logo!

Despediram-se afectuosamente. Ela ficou a dizer-lhe adeus, no patamar. Voltou para dentro e foi para a salinha pequena, onde tinha o receptor de rádio e uma pequena biblioteca: Max du Veuzit, Delly e outros.

Ligou o receptor. Um fox. Depois um tango. Reclinou-se num «maple» e fechou os olhos. Pensou nele, no João. Casara havia ano e meio e a sua lua de mel continuava ainda. Queriam muito um ao outro. Pelo menos ela assim o julgava, no que tocava a ele.

Que felicidade se sente em amar e ser amada por alguém! Gostava tanto dele! E ele tratava-a tam bem, com tanta delicadeza, com tanto carinho!... Ele não era como os outros. Há maridos que se portam de forma diferente, conforme estão em sociedade ou em casa. Mas o João não era assim. Seu marido era tão gentil no exterior como no seu lar.

A porta mecheu, e o pequeno ruído que se ouviu fez que ela abrisse os olhos. Era a Maria, a criada, que pedia licença para sair.— Pois sim, que fôsse!— Sentia-se generosa, admiravelmente bem disposta. Sentia uma ternura pelo João, pelas coisas que a cercavam, por tudo, enfim, e até pela criada, a quem habitualmente descompunha.

Que massada, os serões lá na Companhia. Se ela fôsse uma pessoa de destaque e influência, proibia os serões. Eram eles que lhe roubavam o João, haviam já três semanas. Ele também se mostrava contrariado e com pena de a deixar, quando poderiam, se não fôsse o serviço, sair ou ficar juntos todo o serão, ali, naquela salinha confortável e acolhedora.

Dantes era isso que faziam. Mas agora, nem ao serão o tinha ao pé de si. Vivía para seu marido. Por ele sentia-se capaz de todos os sacrifícios. Nunca tinha sido necessários, era certo, mas se o fôsem, encontrá-la-iam com um sorriso nos lábios.

O rádio transmitia agora um fado. Rodou o botão. Não gostava. Aquele era a história dum amor atraçoado.

Cavou-se-lhe uma rugasinha na testa. Lembrou-se se o João lhe faltasse um dia! Mas não! Isso só sucederia quando fôsem já os dois velhinhos. E podia ser ela, até, a primeira a desaparecer. Sorriu-se. Os dois... velhinhos!

Porém, de novo uma sombra anuviou o semblante daquela morena interessante. E se ele deixasse de a amar? Estremeceu toda. Como poderia isso suceder? Ele amava-a tanto! Era ainda o mesmo de um ano atrás! E o amor dela, verdadeiro, sincero, não seria suficiente para alimentar o dele? O João amá-la-ia sempre, decerto! O contrário se-

ria demasiado cruel. Que enorme desgosto, e que grande golpe seria, para ela, a perda do amor de seu marido. Como ela sofreria com isso!...

Mas não! não! Felizmente que se podia considerar ao abrigo dessa crueldade. Ela sabia que seu marido a amava, e não deixaria de lhe querer, pela vida fora. No entanto, porque razão pensara aquilo? Se eles eram tão amigos, porque havia de se ter lembrado que ele podia aborrecer-se dela? Nunca pensara nisso! Sômente havia quatro ou cinco dias, lhe vinha à ideia, de quando em quando, aquêle torturante pensamento! Não tinha razões, pelo menos aparentes, para se preocupar dessa forma! Contudo, porque se lembrara? Porque quem julga possuir a felicidade recebe sempre que alguma coisa a perturbe? Ou seria um aviso?

Oh! Mas estava delirando, decerto! Caiu em si. Que disparates estava dizendo a si própria? Louca!... Seria um aviso?

Pensar, ainda que só por um momento, que todos os carinhos do João que toda a amizade que lhe lia nos olhos e transparecia nos gestos, era falsa e fingida? Ainda se ele tivesse mudado de atitude! Mas não mudara. Esta era ainda a mesma dos primeiros meses de casados. Era necessário, pois, que não tivesse escrúpulos, não sentisse um pequeno remorso que fôsse, ao pensar que lhe mentia de tal maneira. Que habilidade e coragem ele teria então, para a iludir, para lhe mentir de tal forma bem!... Decididamente não estava normal quando tais pensamentos lhe haviam ocorrido. E repelia-os com energia, não por acreditar que um marido não enganasse sua mulher, mas sim porque não conseguia crer que o João a iludisse a ela.

Oral!... Não estava normal, não!

Levantou-se e foi à janela. Subiu a gelosia e encostou-se ao peitoril.

Foi ver as horas. Dez e vinte. Era cedo, ainda. O João só chegava lá para a uma e tal. Já tinha saudades d'ele. Era um pouco infantil e muito romântica. Mas não era de estranhar, porquanto fôra educada à antiga, com muitos preconceitos, nenhuma liberdade, e o romantismo dos bailes com valsas a três tempos.

Fechou a janela e dirigiu-se para o quarto. Da gaveta dum móvel tirou um pequeno cofre que abriu. Eram todas as cartas do João, considerado como namorado, e depois como noivo. Voltou para a salinha com elas.

Recostou-se no mesmo «maple» em que havia estado, e abriu uma. Era a declaração d'ele, a primeira carta que recebera. Porque o João havia sido o primeiro e único namó-



ro que tivera. Só namorara um rapaz, e êsse era agora seu marido.

Tinha sido, pois, com curiosidade e receio, alvoraçada e confusa, que tomara conhecimento do seu conteúdo.

Tinha então dezanove anos. E êle vinte e quatro.

Depois vieram os conselhos da mãe, enquanto que o pai prometia tirar informações. No dia do pedido houve arroz doce, o noivo fumou charutos do futuro sógro, obteve licença para frequentar a casa daqueles que iam constituir a sua nova família, e que o tratavam já por «querido filho».

Um ano depois casaram. Êle tinha estado à espera de oportunidade... financeira.

Não tinham filhos. Mas ela conformara-se. Não podia lutar contra a Natureza!

Foi vendo mais cartas. Ah! Daquela recordava-se bem! Tinha sido por ocasião do seu primeiro arrufo de namorados. Fôra um mal entendido que ela não compreendera. A razão estava, afinal, do lado d'ele.

Vira eminente o fim de tudo.

E sorria, feliz, ao pensar nesse episódio. Quantas lágrimas chorara, sem êle saber, por causa dessa questão. Afinal acabara tudo em bem. A noite, a mamã tinha-os acompanhado ao cinema.

Cada carta que passava lhe lembrava uma ou outra passagem, mais ou menos feliz, do seu namoro de cinco anos com o João. Uma «soirée», um passeio ao campo ou à praia, alguns bailes, e tantos outros momentos agradáveis que passara com êle e com sua mãe. E agora podia adicionar quasi dois anos de casados, de vida de marido e mulher, que eram bem a continuação daqueles.

O João era tam bom!...

Depois foi guardar tudo e voltou para a sala. Abriu um livro. Estava cansada. De dia tinha saído a fazer compras. Na baixa andara muito, e agora sentia-se moída e com muito sono. Foi lendo ainda. Meia hora depois tinha mudado a página uma só vez. Raras vezes lhe dava o sono, sobretudo quando esperava por êle, mas como caminhara muito durante o dia e jantara mais tarde, era naturalmente porisso que estava assim atacada. Olhou para o relógio. Onze menos dez. Faltavam ainda duas horas. Bocejou. Depois o livro escorregou-lhe... e adormeceu...

O retinir imperativo do telefone fê-la dar um salto no «maple» acordando alvoraçada. Extremunhada ainda, foi só quando encostou o «aptofone» ao ouvido que compreendeu que era de estranhar um telefonema àquela hora relativamente tardia. Lembrou-se do João, e porisso perguntou com ansiedade:

— Está?... Quem fala?

— ...

— Como?!... Meu marido... morto?!... mas onde?

— ...

— Acometido súbitamente por uma congestão?

... O aparelho escorregou-lhe da mão, e ela, deixando-se cair num «maple» próximo, para ali ficou aniquilada, quasi que um farrapo humano, perante o ruir quasi instantâneo da sua felicidade, da sua vida...

Maria Eduarda! Fôra aquele o nome que o agente lhe dissera.

João e Maria Eduarda!

Eduarda, uma sua amiga!

Num gesto rápido a sua cara escondeu-se nas mãos, e o seu corpo fez-se pequenino, no «maple», nas vibrações dum choro convulso...

Sente-se ABATIDO

e não sabe
porquê?



Sente-se abatido, acabrunhado, sem energia?

Tem dores de cabeça e espinha sem razão?

Tem dores nas costas e nas pernas?

Tudo isto são sintomas de prisão de ventre.

Mas as suas funções intestinais são absolutamente regulares? Há muitas pessoas assim e que, no entanto, sofrem de prisão de ventre.

A eliminação deve ser completa e, ao mesmo tempo, regular. Se assim não for, acumulam-se venenos no sangue e tiram-lhe todas as energias.

Um remédio muito recomendado pelos médicos, para o mal que o aflige, são os Sais Kruschen, que não se tornam hábito. A «pitada» de Kruschen, que contém os sais minerais necessários para assegurarem o perfeito funcionamento intestinal, ser-lhe-á preciosa. Os venenos serão expulsos do seu organismo e a saúde actuar-se-á dia a dia.

A pitada de

KRUSCHEN

basta para que se sinta optimamente

Toma-se com o chá ou em água quente. Kruschen vende-se em todas as farmácias, a 17\$00 e 10\$00 escudos o frasco.

ESTAS DUAS
PASTILHAS



acabam a INDIGESTÃO

SOFRE de indigestões? É em 80 segundos atormentado pela flatulência, acidez ou uma dor aguda no estômago? Está aqui o remédio que procura. Duas Pastilhas Rennie. Dissolvem-se lentamente na boca, dar-lhe-ão rápidos alívios. Não se fazem esperar os resultados deste tratamento. Verifique como a dor desaparece à medida que chupa as pastilhas. Passados 80 segundos o excesso de ácido é completamente neutralizado e volta o bem estar.

O excesso de ácido é, geralmente, a causa das indigestões. A melhor forma de neutralizar a acidez é tomar duas Pastilhas Rennie. Estas pastilhas actuam de três formas. Contêm anti-ácidos que neutralizam a acidez; absorbentes que reduzem a flatulência; e fermentos que activam a digestão. As Pastilhas Rennie são usadas e recomendadas por 1.198 médicos ingleses. Todas as farmácias as vendem. Pacote pequeno 6\$00; grande 20\$00.

PASTILHAS

RENNIE

NÃO PRECISAM ÁGUA

RETRATISTAS INGLÊSES

(Conclusão da página 12)

desejavam um retrato que revelasse o que eles eram e não apenas uma bela peça de mobiliário.

O primeiro pintor inglês, realmente grande, foi William Hogarth, na primeira metade do século XVIII, que é mais conhecido como satírico do que propriamente como pintor de retratos. Nada escapava aos seus olhos ironicos, tornando-se portanto talvez um pouco perigoso servir de modelo a Hogarth; nunca se sabia o que ele iria descobrir...

Os meados do século XVIII contém nomes de muitos pintores, apenas conhecidos em Inglaterra, que produziram a granel, retratos de fidalgos, de bispos, almirantes, comerciantes e abastados morgados e suas esposas. Grande quantidade destes quadros ainda hoje guarnece as casas para que foram pintados e são olhados diariamente pelos seus herdeiros.

Estes pintores podem não ter sido célebres, mas foram eles que lançaram os alicerces para os dois maiores pintores da história inglesa: Sir Joshua Reynolds e Thomas Gainsborough. Torna-se quase impossível ser imparcial acerca destes dois grandes mestres ou de admirá-los de forma idêntica, pois que a única coisa que eles têm de comum é fazerem parte do pequeno número de artistas ingleses cujos nomes são conhecidos através do mundo inteiro. Reynolds é o sábio por excelência que se baseia no seu profundo conhecimento da antiguidade e da Renascença, realizando a grandeza a passos ponderados.

O fim do reinado da Rainha Victoria e o elegante e «chic» reinado de Eduardo VII foram pintados principalmente pelos não-academicos anglo-americanos Whistler e Sargent. Ambos foram sucessivamente aceites como mestres da sua profissão. Whistler, porém, não conseguiu fixar-se em qualquer lado e tornou-se desiludido da vida; era um grande pintor que falhara. Sargent teve melhor sorte na sua época e, como observador que era, conseguiu descobrir uma sociedade que pouco dieria da que Vandyck descobrira. A tradição hoje em dia e durante os últimos vinte anos considera como o seu melhor expoente Augustus John, um caprichoso pintor com os dons naturais de Gainsborough e a experiência de Reynolds. A posteridade poderá considerá-lo como um Reynolds.

A VIDA DE CHURCHILL

(Conclusão da página 15)

licença. Wolff, que tinha uma grande influência na corte espanhola, onde era o decano do corpo diplomático, pleitou a minha causa. Cedo chegaram às minhas mãos excelentes cartas de apresentação, umas oficiais outras pessoais. O embaixador assegurava-me que seria recebido cordealmente em Havana e que me mostrariam tudo o que era digno de ser visto. Nos primeiros dias de novembro de 1895 tomei um paquete para Nova York e desta cidade segui para Havana.

Os homens desta geração, exgotados, brutalizados, mutilados pela guerra mal podem compreender as sensações deliciosas e o entusiasmo fremente com que um jovem oficial britânico, educado numa era de paz, se aproximava, pela primeira vez, do teatro duma guerra verdadeira. Quando vi de madrugada desenharem-se no horizonte azul as praias de Cuba, tive a impressão de ser um tripulante do navio do capitão Silver, tendo na frente a Ilha do Tesouro. A verdade é que tinha à vista uma terra diferente onde se passavam acontecimentos sérios. Era o cenário duma grande acção! Era um local onde ia acontecer qualquer coisa! Talvez lá fosse deixar a pele. Os meus devaneios foram interrompidos pelo anúncio do almoço e pelo ruído do desembarque.

Cuba é uma ilha encantadora. Os espanhóis chamaram-lhe, com razão, a Pérola das Antilhas. O clima é temperado, a chuva abundante, a vegetação luxuriante, a fertilidade do solo sem rival, as paisagens maravilhosas. Tudo se conjuga para que pudesse lamentar que os meus antepassados tivessem perdido essa possessão maravilhosa. Mas a verdade é que o meu país herdou bastantes terras.

A cidade e o porto de Havana ofereciam naquê tempo, um espectáculo magnífico. Eu e os meus companheiros instalámo-nos num bom hotel, comemos uma quantidade apreciável de laranjas, fumámos uma quantidade maior de charutos e fomos, no fim, entregar as nossas cartas de apresentação. Tudo correu como desejávamos. Fomos tratados como elementos duma missão militar, embora sem caracter oficial; tínhamos categoria de representantes duma grande nação e duma velha aliada. Quanto mais queríamos disfarçar o carácter da nossa visita, mais se empenhavam em lhe dar realce. O capitão-general andava em viagem de inspecção aos postos avançados. Isso não impediu que os nossos desejos fossem satisfeitos. Fomos procurá-lo a Santa Clara. A viagem era cómoda. Fazia-se em comboios blindados. Os «vagões» das extremidades transportavam sentinelas armadas. As carruagens tinham, lateralmente, uma protecção blindada.

Adaptação de CARLOS FERRÃO

O MEU SEGRÊDO DE BELEZA

Provém do centro das flores



Foi trabalhando no Sul da França, na destilação dos perfumes que descobri as propriedades maravilhosas desta estranha cêra que colocada pela natureza no centro das flores, embeleza a pele. Extraída e refinada esta delicada substância untuosa é agora usada por todas as mulheres, sob o nome de Cire Aseptine. Amacia e faz desaparecer em pequenas partículas a camada exterior, dura e rugosa, revelando a beleza até então oculta, duma nova pele fresca e branca. Os poros dilatados, os pontos negros e outros defeitos da tez desaparecem. Aplique-a igualmente sobre o pescoço, ombros, braços e mãos, a fim-de que não contrastem exageradamente com a beleza da sua cara clara e jovem. Resultados satisfatórios são garantidos com a Cire Aseptine ou em caso contrário devolve-se o dinheiro.

À venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva para o Depósito Tokalon, Rua da Assunção, 88-2.º — Lisboa, que atende na volta do correio.

FÁBRICA DE PORCELANAS
DA
VISTA ALEGRE

FUNDADA EM 1924

PORCELANAS DOMÉSTICAS / PORCELANAS ELÉCTRICAS E INDUSTRIAIS / PORCELANAS D'ARTE

FÁBRICAS EM ILHAVO DEPÓSITO EM LISBOA 18, L. do Chiado

SÉDE:

Largo da Biblioteca, 17 // LISBOA



Marlene Dietrich vai interpretar, para a Warner, «Handle With Care»

PRODUÇÃO

- Errol Flynn concluiu para a Warner, sob a direcção de Lloyd Bacon, o filme *Footstep in the Dark*, com Ralph Bellamy e Brenda Marshall.
- Brenda Marshall, Olympe Bradna, William Lundigan e Willie Best são os intérpretes principais de *Highway West*, para a Warner.
- Samuel Goldwyn abandonou os Artistas Unidos. O seu próximo filme, como produtor independente, será *The Little Foxes*, com Bette Davis na protagonista.
- *The Thing Called Love* é a nova realização de Alexander Hall para a Columbia, com Rosalind Russell, Melwyh Douglas, Binnie Barnes e Gloria Dickson.
- Zetan Korda vai dirigir, nos estúdios dos Artistas Unidos, *The Yungle Book*, famosa obra de Kipling, com Sabu no protagonista.
- Loretta Young e Robert Preston formam o par romântico de *The Lady from Cheyenne*, nova produção da Universal.
- A Warner confiou a realização de *Winged Victory* a Irving Rapper. No seu desempenho participam Geraldine Fitzgerald, James Stephenson e Barbara O'Neil.
- Sonja Henie, John Payne, Joan Davis, Geenn Miller e a sua orquestra, com os negros Nicholas Brothers, formam o elenco de *Sun Valley*, para a Fox.
- Intitula-se *Model Wife*, o novo filme do casal Blondell-Dick Pawell.

C I N E M A

Palavras que o vento leva...

Conversando...

Os que freqüentam o cinema fazem-no com um único propósito: entreter o espirito e passear os olhos pelas frisas e camarotes... Raros são os que avaliam a grandeza do esforço que representa a realização dum filme.

— «Que interessa a técnica?» — ouvimos perguntar, há pouco, no «hall» dum luxuoso cinema, em noite de grande estreia. Também registámos a resposta:

— «Não são os meios mas os fins que interessam, na construção do espectáculo».

Ficámos atónitos. No entanto, temos de reconhecer que este raciocínio, dentro ao seu laconismo linear, constitue uma valiosa referência que permite «medir» a temperatura estética da maior zona das nossas platéias — não a que perora doutrina de arte, sem necessidade de a defender na bilheteira — que fixa os olhos na tela e não se surpreende com o que ela lhe oferece de intrínseco, isto é, com o seu espantoso trabalho de inteligência, admirável de recursos, variando constantemente de motivos e sem desdenhar o mais insignificante pormenor. A sua retina não atinge esse quantitativo de sugestão delicada.

Confortavelmente instalado, próximo de nós, o mesmo jovem espectador continuou a sentenciar para o amigo, que ouvia, calado:

— «Os artistas, as multidões, os «decors», o guarda-roupa, as paisagens fabricadas nos estúdios, tudo isso se arranja com muito ou pouco dinheiro. O resto... é fumo de cigarro!»

O resto... é, afinal, aquilo onde se apoiam todos aqueles elementos que ajudam a expressar a essência do filme contida nos movimentos físicos das figuras e nos passos do pensamento que as prende à vida e as faz mover ao sabor dos acontecimentos. O resto, reduzido às suas proporções exactas, é, afinal, a encarnação, seja de que maneira fôr, de todos os frêmitos dum conflito descarnado à luz da sua lógica glacial ou da sua fantasia.

Que se impõe, num filme, pôr em equação de interesse? Respondemos: — a plasticização do argumento, porque é ele o elemento fundamental duma película. Ora, o que se passa dentro d'ele, e que constitue a autêntica substância da obra, a sua alma e a sua psicologia, precisa, para ficar próxima da sua realidade, que a análise introspectiva dos seus sentimentos estabeleça contacto com os sentidos e com a visão do público. A forma de o caracterizar, de sondar a alma das figuras, de as definir em todos os ângulos e de as fixar na tela, através de irradiações luminosas e de severas leis de movimento, chama-se — técnica. Ela é o veículo que conduz o argumento junto do público.

O tal resto, afinal, constitue o elemento condutor da acção. Sem ele, o filme não é vida, nem movimento!

António Lourenço



Uma imagem do filme «O Homem Perfeito», com Joan Blondell, Errol Flynn e Hugh Herbert



Merle Oberon, esposa do produtor Alexander Korda, que acaba de concluir «Lady Hamilton»

O cinema inglês continua!

O produtor Irving Asher chegou a Hollywood com magníficos planos para os estúdios continuarem a produzir filmes ingleses. Asher dirigiu, por largo tempo a actividade da Warner Bróos, em Londres, a qual deixou preparada a realização de *Clauds Over Europe*, *U-Boat 29* e *Ten Days in Paris*, este para a Columbia inglesa.

Antes de trocar a Inglaterra por Hollywood, tomou o conhecimento de que o governo britânico, no intuito de acelerar o ritmo de produção de filmes, estava na disposição de conceder licenças e facilidades a todos os artistas e técnicos que fossem necessários recrutar para a completa satisfação de todas as necessidades da metrópole...

Surgiu, porém, uma dificuldade: a do dinheiro, que não devia sair da Gran-Bretanha. Após um estudo minucioso, que durou algumas semanas, foi decidido continuar a produção de filmes, em Londres, que seriam distribuídos, pelo menos, em parte, por intermédio das rédes de expansão das firmas americanas, como a M. G. M., que antes da guerra auferia um rendimento de \$15.000.000.000 por ano.

Asher, que é um dos maiores peritos em explorações cinematográficas, afirma que a despeito da guerra, ainda há no continente europeu muitos mercados novos capazes de cobrirem as despesas da produção. Quanto aos estúdios, como se sabe, encontram-se situados nos arredores de Londres.



Elsa Bela-Flor, autêntica pescadora da Póvoa de Varzim, protagonista do filme *Ala Arriba*, de Leitão de Barros

MUNDO GRÁFICO



A
R. A. F.
inscreve
todos os dias
no ar
novas legendas
de glória